





EX-LIBRIS



BORBA
MORAES

RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

A LUNETTA MAGICA.

TYPOGRAPHIA DE JOÃO IGNACIO DA SILVA.

A
LUNETTA MAGICA

POR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

TOMO II.

RIO DE JANEIRO.

B. L. GARNIER, — LIVREIRO-EDITOR,

69 RUA DO OUVIDOR 69

A LUNETTA MAGICA.



Introdução.

1.

Oito dias deixei-me clausurado em caza, maldizendo da minha infelicidade.

Eu tinha recebido da experiencia uma grande lição ; mas como quasi sempre acontece ao homem, veio-me a lição da experiencia, quando não podia mais aproveitar-me.

A insaciabilidade do dezejo para a cauza determinante do meu maior infortunio.

Pobre myope, o que eu mais ambiciosa, por muito tempo debalde, consegui enfim obter um dia, tive uma *luneta* potente que deu á meus olhos a vista penetrante da aguia.

Alcançado beneficio tão grande, thezouro tão precioso, aquillo que se me afigurára impossível, dezejei mais!

Quiz ter e gozar a *visão do mal*, á que o armenio sabiamente me aconselhára não expor-me, esclarecendo-me sobre os seus perigos.

Mas dezejei e quiz ter, e tive essa visão fatal, e por ella tornei-me o homem mais desgraçado.

Não me corrigi ainda assim, e dezejei a *visão do futuro* que me fôra prohibida, sob pena de quebrar-se em minhas mãos a *luneta magica*.

Dezejei e quiz ter a *visão do futuro*; mas antes de chegar a ella detestei a *luneta* que me inspirava horror de mim proprio, e em furioso impeto despedacei o vidro magico, realisando-se desse modo a sentença do armenio.

E agora os meus olhos ficarão sem luz, estou lateando as trevas, e o desejo de gozar com a vista a natureza é mil vezes mais ardente, do que outr'ora; porque eu já vi,

e já sei o que perco não vendo, como pude ver.

Ah! no outro tempo eu era como um cego de nascença, infeliz; ao menos porém não apreciando bastante a profundidade da minha miséria; agora eu sou o cego que já vio, que cegou depois de ter visto, e que sabe tudo quanto perdeu com a cegueira!

Maldita seja insaciabilidade do desejo, que envenena a vida do homem, e que mil vezes o leva á sacrificar immenso bem que está gozando pela ambição de mais gozos ainda, e do que não lhe era preciso para a felicidade da vida!

Eu já vivi no mundo da luz, e agora estou condemnado, condemnei-me a vegetar no carcere das trevas.

II.

O despedaçamento, a destruição da minha *luneta magica* foi muito festejada pelos meus tres parentes e pelo que me dicerão a no-

ticia do facto mereceu as honras de uma gazetilha do *Jornal do Commercio*, espalhou-se pela cidade, e tranquillizou o espirito da sua população que tanto se ezaltára contra a *visão do mal* que eu possuia.

O mano Americo teve a bondade de fazer-me ouvir um discurso consolador, em que me demonstrou que eu tinha sido victima de um longo accesso de loucura; que eu nunca vira mais do que d'antes; que a minha myopia não era susceptivel de recurso ou soccorro algum que me emprestasse vista, e que emfim, quebrando a *luneta*, eu me libertára de uma illusão perigosissima, e rematou o discurso com a mais eloquente peroração, jurando que estava prompto á continuar á ver e pensar por mim.

A tia Domingas mandou apanhar todos os pedaços do vidro que eu quebrára, e lançalos ao mar, dizendo que havia nelles malicia do diabo, de que eu estivêra possesso, durante não poucas semanas, e manifestando finalmente a crença de que ao poder das suas orações fôra devido ao despedaçamento da

luneta mágica, e de que a salvação da minha alma, e a doce tranquillidade da minha vida terião tanto mais segurança, quanto mais completa e irremediavel fosse a minha myopia, que me livrava de enormes pecados.

A prima Annica foi dos trez parentes o unico que teria podido fazer-me sorrir, se nos meus labios fosse ainda possivel raiar um sorriso suave, e haver no meu coração um resto de confiança para essa moça interesseira e egoista.

A prima Annica procurou convencer-me de que a minha luneta diabolicamente encantada me fizera ver os objectos ao contrario do que elles são na realidade, e que por isso mesmo eu devia acreditar e considerar formosa a senhora que me tivesse parecido feia ou menos bonita, e ter em conta de virtuosa, recatada e dedicadissima aquella que pela *visão do mal* eu houvesse julgado loureira, má e calculista. Lembrou-me Cicero, pleiteando a propria cauza.

E logo depois dessa theoria sobre a *luneta mágica*, a prima perseguio-me cruelmente

para que eu lhe confiasse em segredo todas as revelações que eu recebera da *visão do mal* relativamente às senhoras do seu conhecimento. Uma vez, por innocente malicia, communiquei-lhe uma apreciação cruel, talvez aleivosa, dos sentimentos, e do character da mais intima, e aparentemente mais estimada das suas amigas; que alias eu não tivera occasião de observar com a minha luneta.

A prima Annica, ouvindo-me, exclamou :

— E' isso mesmo ! exactissimo juizo !. ...

— Annica, dice-lhe eu : a minha luneta era diabolica, como voce me assegura, e o que ella me fez apreciar e me mostrou, deve-se entender pelo contrario, segundo a sua opinião

— Primo, respondeo-me Annica sem hesitar; o diabo para enganar facilmente, ás vezes diz e mostra a verdade.

Eu fiquei profundamente convencido, de que houvera menos diabo na minha *luneta magica*, do que havia nos pensamentos e nos sentimentos da prima Annica.

III.

Depois do oitavo dia da minha voluntaria clausura despertei no seguinte ao canto de um canario que festejava a aurora.

Levantei-me e fui debruçar-me a janella que abria para o jardim.

O frescor suave das auras, o perfume das flôres, o ruidoso acordar da cidade lembrarão-me aquelle anhelado amanhacer do dia, em que eu fizera a primeira experiencia da minha *luneta magica*; e as arrebatadoras impressões que eu recebera, podendo ver, e admirando a aurora, as flôres, as borboletas, a natureza enfim.

Os pezares, as sensações repugnantes, os tormentos e o horror da *visão do mal* como que se varrião da minha memoria exclusivamente empenhada em avivar a saudade do bem que eu havia perdido.

Apoderou-se de mim melancolia tão profunda e sombria como era profunda e sombria a noute dos meus olhos.

Passei um dia de silenciosa amargura, e arrependi-me mil vezes de haver quebrado a minha *luneta magica*.

Se eu tivesse sido mais prudente, e ainda mesmo dissimulado, por certo que não me terião faltado meios de illudir quantos me cercavão e cercão, e de conservar a preciosa luneta.

Agora é tarde, e o meu pungente arrependimento não me aproveita, e só duplica a afflicção que me acabrunha.

A' cada momento vinhão-me a lembrança o *Reis* e o armenio, o *Reis* tão bom e amavel, tão complacente e obsequiador ; o armenio tão habil e tão sabio ; tão poderoso em magia, e tão leal em seus conselhos.

Lembrança inutil !

Eu havia sido tão descortez, tão ingrato em meu proceder em relação ao *Reis*, que me não era licito pensar em ir de novo bater á sua porta, que elle tinha o direito de me fechar no rosto.

E o armenio ? como poderia eu apparecer,

mostrar-me diante delle depois da minha desobediencia aos seus preceitos ?

E todavia eu teimava sempre em lembrar-me do *Reis* e do armenio .

E de instante á instante perguntava a mim mesmo, se o armenio ainda se conserva trabalhando nas officinas do *Reis* .

A idéa de voltar ao famoso armazem de instrumentos opticos da rua do Hospicio, começava a proseguir-me, a dominar-me, como a paixão mais violenta escraviza, e move, impelle e arrebatava a sua victima.

Dous unicos sentimentos ainda me tolhião os passos ; erão o vexame, e o medo.

IV.

E' claro que eu estava em caminho adiantado para vencer o vexame, que me fazia hezitar em apresentar-me na casa do *Reis* .

Todo o homeni é mais ou menos egoista, e em proveito do seu egoismo raro é aquelle que em circumstancias imponentes, em casos

extraordinarios não sacrificam simples consideração de delicadeza.

Quantos homens ricos e máos que nunca derão esmola ao pobre, tornados mendigos pelo vai-vem da fortuna, deixariam de estender a mão pedinte a algum recente herdeiro de inesperada riqueza, ao qual d'antes tivesse por vezes respondido — Deos o favoreça?...

Eu não fiz tanto como isso : heide pois dominar o meu vexame e ir a casa do *Reis*.

Pedirei perdão com humildade, e luz para meus olhos, como um condemnado á morte que pede a vida ao poder que é capaz de da-la.

O medo que eu tenho, é de sahir a rua, de expor-me as zombarias, ás vaias, á perseguição dessa gente que me detestou, que talvez me detesta ainda por cauza do *visão do mal*.

Em seu odio, em seu empenho de vingança muitos conspirarão para que eu fosse reputado maniaco ou doudo, e em todo caso perigoso e nocivo á sociedade.

Horriavel ameaça pezou sobre mim, e mais de uma voz, mais de um conselho sinistro

apontava a conveniencia de me recolherem ao hospicio dos alienados.

Eu tenho medo de apparecer á essa gente que maldizia de mim, e que pedia a minha proscriptão, o encarceramento do doudo.

Tenho medo de sahir á rua.

V

Reflectindo bem, me parece que este medo chega a ser pueril.

Tenho duas presumpções á favor da minha segurança, duas observações que destroem todos os fundamentos do medo.

Não se provou, conforme as exigencias da lei que eu estivesse ou fosse doudo : o pronunciamiento de muitos homens irreflectidos apenas poderia indicar que eu era um excêntrico ou emfim possuido de esquizita mania, o que nem por isso prejudicava o meu juizo em relação á todas as circumstancias e condições da vida particular e social.

Ora na cidade do Rio de Janeiro não só não se recolhem ao hospicio dos alienados os excêntricos e maniacos da ordem em que

fui contemplado, como é certo que os excentricos, e adoudados não reconhecidos legalmente doudos gozão privilegios de tolerancia, e de indulgencia, e quando algum delles offende a sociedade com o escândalo publico, em que compromette o decóro da familia, ou ataca de frente as mais veneraveis e santas considerações sociaes, encontra impunidade certa, e desculpa segura na voz do povo que diz : « não se faça caso ; aquillo tudo é excentricidade : o homem tem suas manias ; mas no fundo é boa couza. »

Eu creio pois que não ha lugar nem cidade como o Rio de Janeiro, em que se possa ser impunemente e sem inconveniencia pessoal não sómente excentrico e maniaco ; mas até doudo, completamente doudo, comtanto que se traje de palitôt escovado e se tenham mezes ou dias de lucidez.

A fóra esta importante consideração que deve utilizar-me, conto por mim o tempo, que ainda mais foi ajudado pela noticia da destruição ou despedaçamento da minha *luneta magica*.

Perdida, quebrada a luneta, cessou o motivo da persiguição que movião contra mim.

E lá vão oito dias !

Oito dias valem oito annos para a memoria e para as impressões mais fortes do povo da nossa capital.

Em oito dias regenera-se o politico que a opinião publica irritada condemnou.

Em oito dias do réo se faz o juiz do pleito em que fôra réo.

Em oito dias as vezes a Rocha Tarpea se tranforma em Capitolio.

Em oito dias corre o Letes por onde estava bramindo a memoria de um escandalo.

Em oito dias a sociedade ligeira, inconstante, mudavel seria capaz de sanctificar o diabo.

Não ha actividade de opinião que resista á extensão, a eternidade de oito dias na nossa capital.

O nosso povo é a certos respeitos povo um pouco francez.

Eu tenho por mim oito dias : reflectindo, assim perdi o medo e vou sahir á rua.

Ensaiarei um passeio de simples experiência, e se eu fôr feliz, se me deixarem em paz andar pela cidade, amanhã ou depois d'amanhã irei à casa do *Reis*.

VI.

Ao cair da tarde sahi.

Em relação á meus olhos pouco importava que eu sahisse de dia ou de noute; quiz porém arriscar-me a apparecer á luz do crepusculo para observar a impressão que a minha pessoa cauzava ao publico.

Não me era possivel apreciar as expressões phisionomicas daquelles que reparassem em mim; mas eu tinha e tenho bom ouvido de cego, e não me escaparião nem o murmurar da malidicencia, nem mesmo o susurro da curiosidade revelada em trocas de palavras abafadas.

Caminhando vagorosamente, e com attenção dissimulada porém viva, ouvi, e percebi o que alguns dicerão, vendo-me passar.

— Myope ou antes cego, como d'antes !

— Perdeo o encanto .

— Que encanto ! calumniavão o pobre rapaz .

— Deveras ?

— Foi victima da mais cruel perseguição .

— Coitado !

— Querem-no cego para desfrutarem-lhe a fortuna .

— Que immoralidade !

Eis como pensavão e murmuravão quasi todos ao considerarem o meu infortunio .

Volúvel e caprichosa cidade ! o seu juizo se modifica, e até muda completamente com o volver de alguns dias, e o objecto das maldições pouco a pouco se torna objecto de sympathias .

Estudai a capital, a nossa é provavelmente como todas as outras de iguaes ou maiores proporções : os seus habitantes vivem sujeitos ao contagio moral dos sentimentos : uma opinião entra em moda , poucos a examinão e discutem, a novidade a recommenda, o contagio moral a espalha, mais tarde a re-

flexão começa a patentear-lhe as falhas, o espirito resentido reage, a reacção propaga-se por novo contagio, e se pronuncia fulminando-a, e então nem distingue o que ella pôde ter de exactidão e de verdade entre os erros aliás á principio applaudidos como acertos.

A opinião publica é deslumbrante, mas leve e fugitiva : assemelha-se ás fadas dos contos orientaes, encanta, porém illude : é igual as jovens formosas e facilmente apaixonadas, seduzem e captivão e mudão de amor em breve prazo.

Quando cheguei ao fim destas e de outras semelhantes reflexões, era noite, e eu me achava sentado em um dos bancos de pedra do jardim da *Praça da Constituição*.

Ninguém reparava em mim, senti-me ou isolado ou defendido pela indifferença de todos, e todavia, poucos dias antes eu tinha sido naquelle mesmo lugar cauza de alvoroço geral e vira a multidão fugir aterrada da minha presença, como se eu estivesse na Asia e affectado da peste negra.

E' triste, miseria da humanidade ! aquella

indiferença que em minhas apprehensões desse mesmo dia, eu desejava tanto, e tanto pedira ao céo, aquella indiferença que era a paz que a população me concedia, acabou por fatigar-me, por despertar o resentimento da mais estulta vaidade em minh'alma de pobre peccador.

A popularidade é sempre um pedestal em que o homem se levanta á cima dos outros ; mas a impopularidade tambem é pedestal, distingue pela reprovação ruidosa, e em vez de abaixar, tambem levanta, tambem arranca do vulgar a sua victima, e para açoitá-la, eleva-a ao pelourinho, e mostra-a pela sua perseguição ou pelo seu odio á cima das proporções communs da generalidade.

Eu já havia experimentado a distincção torturadora da aversão popular ; eu já tinha sido notabilidade embora odiada, e senti-me abatido, despresado, aviltado, reduzido á invisivel nullidade pela indiferença com que me deixavão nem olhado no meu banco.

Houve um momento em que atigado, impellido, enlouquecido pela influencia traiçoei-

ra da mais estúpida vaidade, tive impetos de levantar-me, e de bradar áquella multidão que não me via : « olhai-me ! persegui-me ! eu tenho a *visão do mal*.

Mas exactamente nesse momento alguém me tocou com a mão no hombro, e me dice ao ouvido :

— Até que enfim nos encontramos !

VII.

Vi diante de mim e logo sentado á meu lado um vulto de homem, de quem não pude distinguir as feições e nem ao menos a moda e a côr dos vestidos.

— Quem é ? perguntei.

— Pois á tal ponto se esqueceu de mim ?...

— Se me conhecer, deve saber que sou quasi cego.

— Sou o *Reis*.

Reconheci immediatamente a voz do *Reis*, mal pude abafar um grito que me rompia da alma e creio que teria cahido de joelhos, se

esse excellente homem não me tivesse contido.

— Perdão ! balbuciei ; eu fui um ingrato, perdão !

— Seja prudente ; disse-me elle ; conversemos em voz baixa : não convém que o reconhecimento.

Apertei com ardor as mãos do meu bom amigo *Reis*, e ainda assim tive um pensamento suspeito, maligno ; pois perguntei á mim mesmo : se a *visão do mal* não dementaria as apparencias tão eloquentes e persuasivas da bondade, e do generoso caracter deste homem.

Era a duvida, era o scepticismo que a *visão do mal* tinha inoculado no meu espirito.

Guardei silencio inexplicavel pela desconfiança que me inspirava a humanidade ; mas o meu egoismo, os calculos do meu interesse pessoal fizeram com que eu mantivesse apertadas entre as minhas as mãos daquelle, em quem de novo eu depositava todas as esperanças, de remedio, de recurso, de soccorro para a minha myopia.

— Então inutilisou a sua luneta ? perguntou-me o *Reis*.

— E' verdade : em um accesso de despezo pelo horror que tive de mim proprio, ouzei praticar esse acto de loucura.

E refferi miudamente toda a historia dos prodigios da *luneta magica*, e todos os desgostos que eu soffrera por ella.

— Tambem eu por minha parte não soffri pouco ; porque perseguirão-me e ha quem me persiga ainda por *lunetas magicas* ; mas com effeito é extraordinario, e incomprehen-sivel !.

— A luneta ?

— Não ; continuo a não acreditar no poder da cabala ; é porém incomprehen-sivel a illusão pasmosa dos seus sentidos.

— Não houve illusão ; eu juro .

— Jurão do mesmo modo e com a mesma convicção quantos tem sido victimas de igual ou semelhante exaltação enferma do espirito.

— Oh ! eu era, como sou, tão myope que posso considerar-me cego, e mercê daquella

admiravel luneta vi distinctamente, perfeitamente.

— Até ahí creio, é possível ; mas na famosa *visão do mal* não acredito.

— E todavia era real e incontestavel.

— Eu só tenho fé em Deos, e creio sómente na verdadeira sciencia : se a magia fosse uma realidade, e eu quizesse exploral-a, ganharia milhões em poucos mezes.

— Como ?

— A mania do nosso armenio se agrava cada vez mais : offendido pela incredulidade, e, diz elle, dedicado a minha pessoa pela influencia irresistivel de não sei que fluido mysterioso e inexcrutavel de que elle me falla, offerece-se para operar maravilhas, que tornarião o meu armazem em officina encantada.

— Que maravilhas ?

— Entre cem outras por exemplo as seguintes : oculos que fação ver o que se passa á mil leguas de distancia ; pequenos espeelhos polidos pela magia que reproduzão a imagem do rosto de uma velha com todas as graças da sua mocidade passada, bino-

culos, por um de cujos vidros se veja todo o passado e pelo outro todo o presente da vida íntima da pessoa que se observa ; instrumentos de precisão optica que patenteem o ouro, as pedras preciosas, as riquezas, e os segredos dos monstros oceanicos que se escondem por baixo das camadas da terra, no leito dos rios, e no fundo dos mares ; lunetas e pince-nez que imprestão a mulher morena da Arabia e a mameluca do Brasil a pallidez romanesca das filhas melancolicas da poesia dos sonhos, e aos olhos negros da caucasiana, e aos negros cabellos da hespanhola os olhos côr do céu azul da ingleza, e os cabellos de ouro das princezas dos cantos de Ossian.

— E' extraordinario !

— O armenio ? com effeito o é : quer saber ? no dia e na hora, em que o senhor quebrou a sua luneta, elle veio ter comigo e disse-me : « a salamandra libertou-se : o seu myope quebrou a *luneta magica*.

— E' possivel ? ! ! !

— Dous dias depois as folhas diarias da capital derão conta do caso.

— E onde está o armenio ?

— Sempre encerrado em seu gabinete prestigioso no fundo do nosso armazem.

— Advinhou então o meu infortunio ?

— E espera-o.

— Espera-me ?

— Assegurou-me que o senhor nos procuraria amanhã : marcou-me o dia.

— Ainda esta !. era a minha idéa ; confesso-o. E não o espanta essa providencia do futuro ? essa videncia do pensamento alheio ?

— Espanta-me por certo ; mas sei tambem que a sciencia está longe de ter pronunciado sua ultima palavra sobre os assombrosos phenomenos do magnetismo.

— E o armenio ?

— Conta com a sua visita.

— Eu hesitava e temia.

— E elle assegura que dará novo e infallivel recurso para vencer a sua myopia, novo e infallivel ; porém não o mesmo.

— E se eu bater á sua porta ?

— A porta da nossa casa abre-se a todos os homens, que vão bater á ella, e para os honestos, para os honrados nunca houve hora em que não se abrisse.

— Irei amanhã.

— E' o dia marcado pelo armenio.

— Marcou elle tambem a hora ?

— Dice que do dia e da hora a escolha lhe pertence e que do dia e da hora depende a condição benigna ou malefica do soccorro que lhe poderá dar.

— E qual a hora mais propicia ?

— Não quiz dizer.

— Em todo caso terei luz para os meus olhos ?

— Terá, conforme elle assevera.

— Depois da meia noute começa o dia de amanhã: irei depois da meia noite. estou ancioso. irei, se a sua bondade chega a tolerar a minha vizita em horas, em que o descanso e o somno é um direito de todos.

— Heide velar esta noute : não creio na magia ; quero porem, desejo e peço uma

segunda experiencia do poder desse armenio, que se presume magico, e se julga capaz de realizar impossiveis.

— Espere-me pois que eu irei.

— Quer que previna o armenio ?

— Como lhe parecer melhor.

— Em tal caso prefiro experimentar, se espera e advinha a sua vizita. Não o previnirei.

— Conte pois comigo ; mas. depois da meia noute.

— Porque tão tarde ?

— Não sei : instinctivamente desejo fallar ao armenio em hora mais proxima do dia.

— Achar-me-ha, velando.

O *Reis* levantou-se, e depois de me apertar a mão, retirou-se.

VIII.

Fiquei só, reflectindo.

Eu ia de novo recorrer a magia, e, se alcançasse outra e igualmente poderosa luneta, talvez expor-me de novo ás perseguições do povo.

Ter uma luneta magica para não uzar della, seria crear para mim o martyrio de Tantaló.

Uzar da *luneta magica* novamente obtida seria perigo quasi certo para a minha segurança.

Reproduzirão-se pois as minhas tristes apprehensões, e os meus cuidados, e se me antolhava um tormento que ainda não provára, a certeza da visão, ou a impossibilidade de exerce-la pelo medo da perseguição.

Portanto era minha sina soffrer sempre, ser sempre como o proscrito dos homens !

E todavia em todo caso eu desejava, eu queria poder vêr.

Mas se a magia era uma sciencia sobrenatural, porém verdadeira ; pois que operava as maravilhas que eu experimentára, e contava ir experimentar ; porque não poderia ella tambem livrar-me da reprovação publica e tornal-a mesmo senão em estima ao menos em tolerancia ou indulgencia ?

Resolvi-me á fallar sobre este assumpto ao magico, á quem reputo capaz de realisar impossiveis.

Não comprehendo, não posso admitir a pertinacia, com que o meu amigo *Reis* nega-se á reconhecer o miraculoso poder do armenio.

Ou eu me engano muito, ou anda ahí receio pueril de expor-se ao ridiculo, e de passar por explorador de supposto charlatanismo na opinião dos espiritos fortes.

Os espiritos fortes ! não conheço espiritos mais fracos do que esses que se dizem fortes. A sua força consiste na negação de tudo quanto não podem explicar ou pelos sentidos ou pela sua razão que só resolve dentro do circulo das idéias que recebe pelos sentidos. A sua negação é pois um throno consagrado á ignorancia, e firmado no materialismo

D'antes eu não sabia reconhecer, a profundez destes erros philosophicos ; graças porém á influencia da minha *luneta magica*, e principalmente á *visão do mal*, acho-me curado da minha myopia moral.

Faz-me pena, não digo a incredulidade, porque não a admitto, mas a obstinação do meu amigo *Reis*.

Um homem que tem nas suas officinas

um magico da força do armenio, e magico que lhe offerece prodigios, teima em não querer experimentar ao menos a capacidade extraordinaria, os trabalhos estupendos desse esclarecido adepto da cabala!!!

Só o receio do ridiculo, e o respeito exageradissimo aos *espíritos fortes* pôde explicar semelhante procedimento.

Pois eu tenho para mim que em proveito da humanidade, e em especial serviço ao publico brasileiro, devo comprometter tanto quanto me fôr possível o *Reis*.

Se eu conseguir, como espero, segunda *luneta magica* tão admiravel como foi a primeira, annunciarei pelos *Jornaes*, a existencia do armenio nas officinas do *Reis*, e a diversidade e sorprendentes condições dos instrumentos opticos que elle pôde temperar no fogo da magia.

Tenha o amigo *Reis* paciencia, heide compromettel-o, e as justas exigencias dos seus freguezes e do publico o obrigarão á aproveitar-se da habilidade magica do ar-

menio, e á facilitar á todos os instrumentos opticos por este preparados.

Se assim não quizesse, cumpria-lhe não ter e não conservar esse magico em suas officinas.

IX.

Empreguei tanto tempo nestas reflexões, que de subito as interrompi, quando o guarda do jardim veio dizer-me ; que era tempo de retirar-me ; pois hia trancar as grades.

A noite se adiantava.

Deixando o jardim, pensei que não me convinha recolher-me á casa.

Meu irmão, minha tia, e a prima Annica bem poderião desconfiar do meu primeiro e prolongado passeio depois da inutilisação da *luneta magica*, e ficando alerta, embaraçar a minha sahida de casa em deshoras.

Achei prudente este juizo, e resolvi-me á matar o tempo, passeando pelas ruas desertas da cidade.

E passei . e andei, como o judeu errante : ninguem me perguntou quem eu era, nem me espiou os passos.

Myope, nada vi ; mas distrahi-me, ouvindo o ruido annunciador da negligencia da autoridade publica.

Ouvi o resonar de mais de um indigente que dormia nos degrãos do alpendre de uma igreja, e perguntei a mim mesmo se não havia na capital do Imperio um asylo para a indigencia sem tecto, para a miseria esfarrapada e sem recurso.

Ouvi as juras e os protestos de jogadores infelizes ou roubados, que sahião em furor de uma casa, onde se cantavão arias italianas ao som do piano na sala da frente, e se arruinavão fortunas ao *lasquet* em alguma sala do interior ; e perguntei a mim mesmo porque a policia que invade a alçada de todos os poderes do estado, não manda trancar as portas das casas publicas de jogo, onde tantos mancebos devastão as riquezas de seus pais, tantos caixeiros fazem paradas á custa das gavetas dos amos, tantos inex-

pertos são crimosamente despojados por jogadores trapaceiros.

Ouvi o estrepito da orgia das famosas mulheres impudicas, e dos velhos ricos, e jovens viciosos que de copo de champagne em punho, e com a voz da lascivia nos labios entoavão cantos obscenos em honra do ridiculo da velhice da corrupção da mocidade, e do desavergonhamento da nudez e do opprobrio do sexo do recato, do pudor, e da honestidade; e perguntei a mim mesmo que exemplo davão aos filhos esses velhos, que esperanças davão á patria esses jovens, que futuro esperava ás espozas e as filhas dos primeiros ás mães e as irmans do segundo.

Ouvi.

Deus me livre de dizer tudo quanto ouvi, rebentando do interior de certas casas, ou fallando sem reserva nas ruas ao ruido abafado ou á algazarra vergonhosa do vicio em dissimulação ou em desenvoltura.

Ouvi finalmente no dobre de alguns sinos o signal de tres horas da madrugada, e dirigi-me então á rua do Hospicio.

Como da primeira vez o *Reis* me esperava á porta de sua casa.

X.

Entrei.

Eu achava-me fatigado do longo passeio e pedi licença para descansar alguns momentos.

Sentei-me e respirei afadigado.

O *Reis* se conservou em silencio até que lhe perguntei :

— O armenio ?

— Sem duvida está no seu gabinete : não o preveni.

— Eu não posso vêr o que por ventura terá de se passar dentro em pouco : conto com a sua condescendencia para referir-me por miudo o que não me é dado apreciar pela vista.

— Pôde estar certo disso.

— Bem : já descancei : vamos procurar o armenio.

O *Reis* tomou-me o braço e disse :

— Vamos : se elle é, como pretende, verdadeiro magico, deve ter adivinhado a sua visita ; se o não é, sorprehende-lo-hemos ou descuidado, ou dormindo.

E tínhamos apenas avançado um passo, quando o armenio mostrou-se á porta do fundo do armazem, trazendo na mão uma lanterna furta-fogo.

— Eu advinhei a tua visita, mancebo : disse elle :

E fitando o *Reis*, accrescentou :

— Reconheça-me pois verdadeiro magico.

O *Reis* não respondeu : evidentemente ficára confundido.

O armenio adiantou alguns passos para nós, e dirigindo-se a mim, disse-me :

— Creança ! não te accuso pelo que fizeste : a tua desobediencia aos meus conselhos era um facto previsto, pela magia ; és homem, tinhas de errar, como erraste.

— Não errarei outra vez, balbuciei humildemente.

— Errarás sempre, e tornarás a desobedecer-me.

— Não !

— Vel-o-ás.

— Então conseguirei deveras outra *luneta mágica*.

— Sim, se a exiges.

— Peço-a de joelhos.

— Creança ! para que teimas em querer vêr ?

— Porque ver é viver

— Eu te anunciei da outra vez que o que me pedias era o mal, o gelo do coração, o scepticismo na vida, e sabes que não te enganei.

— Mas ao menos *eu vi*, e agora de novo me acho cego.

— Creança ! tu escolheste um dia benéfico, um domingo, uma hora propicia, a que antecede apenas ou vê despontar a aurora; ainda assim porém tu verás demais !

— Embora !

— Pedes-me uma segunda *luneta mágica* que te será fatal como a primeira.

— Já tenho por mim a experiencia.

— Será o engano infantil na vida.

- Aceito !
- Será a credulidade insensata.
- Aceito !
- Será a innocencia indefeza.
- Aceito !
- Será a zombaria do mundo e a cegueira da razão.
- Aceito !
- Porque, creança?.
- Porque eu quero ver.
- Verás demais !
- Aceito.
- Eu o sabia, e tanto que o altar está prompto e nos espera: já evoquei os espiritos elementares : nada falta ; vamos.

Mas ao primeiro passo, o armenio levantou a lampada, inundou-nos de luz, e disse :

— Trazes vestidos de côr preta, que é antipathica a Jupiter, cujo dia é hoje.

E fez com a mão um signal que eu não vi com os olhos ; mas á que obedeci, ficando immovel, e como prezo ao lugar que meus pés pisavão.

O armenio sahio do armazem para ir ao seu gabinete.

O *Reis* silencioso, eu estatico respiravamos apenas, dominados pelo prestigio do magico que em breve tornou a apparecer, trazendo uma tunica de panno branco bordada de triangulos de prata.

Cumprindo as ordens do magico tirei a sobrecasaca, o jaleco e a gravata que erão de côr preta, e vesti a tunica.

— Agora vamos : repetiu elle.

O *Reis* e eu seguimos em silencio o magico.

XI.

Não pude ver o que se passoa desde que entramos no gabinete do armenio até o fim da operação magica ; referirei porém o que o meu amigo *Reis* me contou com inteira verdade e profunda admiração.

Cumpre-me declarar que o meu amigo insiste em não acreditar na magia ; confessando porém não poder explicar e menos negar os prodigios de que foi pela segunda vez testemunha.

O *Reis* jurou culto e fé ás sciencias phisicas e fanatico por ellas não quer ver o maravilhoso e o sobrenatural que lhe está entrando pelos olhos, nem sentir o que está tocando os seus sentidos.

Todavia leal e nobre, o meu amigo referio-me quanto vio e que vou repetir, e appello para o seu testemunho que é insuspeito por ser testemunho de incredulo.

O armenio que nos conduziu ao seu gabinete, trajava vestido de purpura com tiára e braceletes de ouro; trazia no dedo competente anel de ouro com um rubin, e na cabeça barrete ainda de purpura com o pintagramma bordado de prata.

A porta do gabinete magico abriu-se em par á um simples aceno da mão direita do armenio.

O interior do gabinete estava resplendente de luz, e todo ornado das mesmas figuras e symbolos da cabala, que na primeira operação magica se observarão; as côres porém erão outras e differentes: as paredes estavão pintadas de vermelho vivo, tendo em côr

de ouro as vinte e duas chaves do Tarot, e os signaes dos sete planetas : o tecto era azul como o céo no dia mais sereno, tendo no centro a figura do pentagramma fulgurando, como se fosse fogo, como se tivera tomado de emprestimo o brilho do sol mais ardente.

A mesa que servia de altar da magia mostrava-se coberta com um immenso panno branco, alvissimo tendo figuras cabalisticas sem numero bordadas em ouro. O chão era tapizado de pelles de leão, que conservavão o aspecto exterior das cabeças dessas fêras, e cujos olhos flammejavão abertos.

Os instrumentos da magia, os symbolos que enchião o altar e o gabinete erão ainda os mesmos, a vara magica porém tinha terminando-lhe a ponta um quasi imperceptivel triangulo de ouro.

Corôas de louro e de heliotropio ornavão o altar, no qual a figura sinistra do diabo fôra substituida por uma pomba, em cujo peito aberto entrava uma serpente que lhe mordida e devorava o coração.

Nós tínhamos penetrado no gabinete, e o magico se sentára e se concentrára.

Um gallo cantou seguidamente tres vezes.

O armenio levantou-se e bradou : Uriel Zadkiel ! Gehudiel !. Oriphiel !.

E na parede sobre o altar esses quatro nomes surgirão em caracteres de fogo, como as palavras propheticas no festim de Balthazar.

O magico tomou em suas mãos a lampada magica que estava já ardente, e levou-a, dando tres passos para o lado do occidente, e depois depositou-a outra vez no altar ; mas no angulo occidental delle.

Em seguida firmou no meio do altar sem esforço nem artificio apreciavel um finissimo tubo de vidro azul de palmo e meio de altura e de diametro igual em toda sua extensão, tendo á meia pollegada da extremidade inferior um orificio em que á custo entraria um fio de seda, e na extremidade superior um triangulo de ouro perfurado, e apenas perceptivel.

Sobre esse triangulo o armenio collocou

o vidro concavo destinado a luneta : o equilibrio, a firmeza do tubo de vidro sobre o altar, do vidro sobre o triangulo não tinha explicação aceitavel ; mas era real.

O gallo cantou de novo tres vezes.

O magico estendeu o braço para tomar a vara magica : mas ouvindo o piar de uma coruja, empunhou a espada e manejou-a no espaço, exclamando : Zadkiel ! Zairiel ! Oriphiel !

O piar da coruja cessou ; o gallo repetiu seu canto, e o armenio atirou longe de si a espada, de cuja ponta sahiu uma flamma que foi embeber-se no pontagramma que radiava no tecto.

Tomando então a vara magica o armenio mergulhou o triangulo em que ella terminava a sua ponta na flamma da lampada e della tirou e levou um fio de fogo até o orificio do tubo de vidro azul.

O tubo acendeu-se, ou pareceu acender-se todo. O magico lançou immediatamente sobre a flamma da lampada cinamomo, incenso, assafrão, e sandalo rubro, e o fummo per-

fumado foi sahir pela extremidade superior do tubo de vidro, envolvendo em ondas aromaticas o vidro concavo que descansava sobre o triangulo de ouro.

Pela terceira vez o gallo cantou tres vezes, e não se ouviu piar de coruja.

O armenio radiante e ufanoso levantou o braço e firmou a vara magica uma polegada acima do vidro concavo, e do triangulo do vidro azul em fogo.

Um minuto depois uma faisca cõr de sangue negro sahiu do fogo do vidro azul e pregou-se no triangulo da vara magica ; mas o armenio sacudiu tres vezes a vara, dizendo : gnom ! para os volcões !

E a faisca apagou-se.

Dous minutos depois outra faisca amarella desmaiada, rompendo do vidro azul foi tocar no triangulo de ouro da vara magica ; mas o armenio bradou : ondina ! para o seio das fontes e para o fundo dos mares !

E a faisca logo se apagou, como a primeira.

Tres minutos depois terceira faisca, e essa

côr de sangue negro surgiu do mesmo ponto e pareceu querer embeber-se na aurea extremidade da vara magica ; o armenio porém bradou : salamandra ! para o fogo do inferno!

E a faisca se apagou e o solo, e a casa estremecerão debaixo de nossos pés.

E no fim de quatro minutos ainda uma faisca brilhante se desprende do vidro azul, e começou a embeber-se no angulo em que terminava em ponta o triangulo da vara magica.

— Quaternario ! exclamou o armenio ; absorve-te, e depois liquifaste-te, sylpho, e liquifeito, te exagera no bem !

E a faisca pouco a pouco se foi embebendo na fina ponta da vara magica, que ainda ficou immovel e firme sobre o vidro concavo...

Passou um minuto, e cahio da ponta da vara magica uma gota d'agua semelhante a uma lagrima no vidro concavo, que a absorveu.

E a pomba que tinha o peito aberto exhalou um gemido.

Passarão dous minutos, e cahiu da ponta

da vara magica outra gota d'agua, outra lagrima, que tambem se embebeu no vidro concavo, e a pomba cujo peito estava aberto, e o coração era mordido pela serpente gemeu duas vezes.

Passarão tres minutos e terceira gota d'agua, terceira lagrima cahio da ponta da vara magica, e foi embeber-se no vidro concavo, e a pomba que mostrava o peito aberto e a serpente á morder-lhe e á devorar-lhe o coração, gemeu tres vezes.

— Ternario! exclamou o armenio e abaixou a vara magica.

O gabinete que parecera arder em incendio de repente passou a mostrar-se em suave luz de crepusculo da tarde.

O armenio retirou da extremidade do vidro azul, cujo fogo se apagára, o vidro concavo, lavou-o com agua perfumada que derramou da taça magica, enxugou-o com o pano que forrava o altar, armou-o em um finissimo aro de prata, imprimio neste o sello cabalístico, e enlaçou no anel da luneta um fio de cabello loiro, que engrossou subitamente, tomando

a forma e proporções de um trancelim de ouro.

Logo depois o armenio pronunciou uma palavra cabalística, cujo sentido só elle comprehendeu, e por breves momentos a luz se apagou e reinou a escuridão.

Ouvimos um grito :—retorno !...—

O grito pareceu-nos vir de fóra e de longe, e logo duas janellas se abrirão no gabinete, e o raiar suave da aurora, e o despontar do dia deu-nos a claridade duvidosa e romanesca que precede ao esplendor do sol.

O gabinete magico desaparecera por encanto : achamos-nos o *Reis* e eu diante do armenio em um quarto modesto, de paredes brancas e nuas, contando apenas em seu interior uma rude meza, uma cadeira, e um leito humilde.

— Sou o pobre que dá thesouros ; dice o armenio.

E entregando-me a luneta, continuou :

— Dou-te pela segunda vez uma *luneta magica* : verás por ella quanto desejares vêr ; verás muito ; mas poderás ver demais. Crença ! dou-te um presente, que te póde ser fa-

nesto : ouve-me com attenção : não fixes esta luneta em objecto algum, e sobre tudo em homem algum, em mulher alguma por mais de tres minutos : tres é o numero symbolico e para ti será, como na outra, o numero simples, o da visão da superficie, e das apparencias : não a fixes por mais de tres minutos sobre o mesmo objecto ; porque alem de tres minutos, hasde ter a *visão do bem*, que o meu poder de magico não te pode impedir, pois a *visão do bem* será a vingança do sylpho que escravisei para teu serviço.

— Eu te obedecerei ! respondi.

— Hoje mesmo me desobedecerás ; tornou o armenio com voz lugubre.

— Não ! juro que não !

— Ve-lo-ás ; tornou elle, e proseguio : terás a *visão do bem* e hasde ser por ella infeliz : verás demais no presente, e poderias ler no futuro, fixando-a por mais de treze minutos sobre o mesmo objecto ; eu tenho porem piedade de ti, e te prohibo ainda a videncia do futuro : Cashiel ! Schaltiel ! Aphiael ! Zarabiel ! eu impesso a videncia do

futuro á este mancebo, e esta *luneta* quebrar-se-ha em suas mãos antes do decimo quarto minuto de fixidade.

E mal acabou de fallar, o armenio deitou-se no seu leito, fechou os olhos, e immediatamente dormiu.

XII.

O meu amigo *Reis* levou-me do gabinete do armenio para o armazem.

— E então perguntei-lhe ?.

— Não sei. não sei. não sei. repetio o *Reis*, respondendo-me : este homem parece o demonio.

— Duvida ainda ?

— Não posso explicar o que testemunhei ; mas duvido sempre.

— E' demais !

— Vá ensaiar a sua luneta, e volte á dizer-me o que ella é : preciso saber tudo.

Foi só ouvindo esse convite do meu amigo *Reis* que me lembrou o pedido importantissimo que eu devia fazer ao magico.

— Ah ! exclamei : esqueceu-me pedir ao armenio algum encanto, algum talisman que me puzesse á salvo da perseguição popular. Eu não poderei uzar a minha luneta sem expôr-me aos maiores perigos.

— Podes ! disse uma voz grave : nada receies.

Era o armenio que se mostrára á porta do fundo do armazem, e que apenas acabou de pronunciar essas palavras, se retirou, desaparecendo como uma visão mysteriosa.

Despedi-me logo depois do meu amigo *Reis* que ficára mudo de surpresa e admiração.

Era dia ; venci porem a minha ardente anciedade, resolvido a fazer o primeiro ensaio da minha nova *luneta magica* em minha casa, á sòs, e livre de qualquer curioso observador.

I.

O armenio é um magico sublime.

A minha nova luneta é na *visão das apparencias* ou igual ou superior á primeira.

Agora sim, creio que devo e posso considerar-me feliz ; feliz porque possuo tão precioso instrumento optico, feliz porque me é dado uzar delle sem perigo.

Fiz o primeiro ensaio da minha nova *luneta magica*, fitando-a de longe e as occultas sobre os meus tres parentes, e vi-os distingui as feições de qualquer delles como as distinguira com a outra *luneta*, e até cheguei á ver mais, pois percebi um signalzinho azul no meio da face esquerda da prima Annica, signalzinho que lhe dá na verdade uma certa graça ao rosto.

Seguro da força do maravilhoso instrumento optico, augmentou ainda mais a minha confiança no armenio, e resolvi logo pôr em prova a certeza que elle me dêra de que

eu poderia sem receio de perseguição ou de perigo algum usar da minha *luneta mágica*.

Apezar disso cumpre-me confessar que foi com algum abalo do coração e com a mão tremula, que, ao sentar-me á mesa do almoço em companhia dos meus tres parentes, preendi á um dos olhos por dous minutos a *luneta mágica*.

— Oh! temos nova luneta? disse sorrindo-o mano Americo.

— E' verdade, e optima, como. a outra.

— Como a outra não; observou a tia Domingas; esta me parece differente e não me faz mal aos nervos, como aquella que felizmente se quebrou.

O meu espanto não pôde ser maior.

— Vê bem? vê muito?. perguntou-me a prima Annica, cheia de curiosidade.

— Bem e muito; respondi.

— Que tenho no meu cabelo?

— Uma rede de retroz, que os contém.

— No meu peito?

— Um *amor-perfeito*.

— Nas minhas orelhas?

- Nada ; não traz brincos.
 - E' estupendo !
 - Assim o penso.
 - Porque não conserva fixada a sua luneta ?
 - Porque além de tres minutos de fixidade eu viria mais do que devo e quero ver.
 - O mal ?
 - Não ; o bem.
 - Ora ! experimente em mim.
 - De modo nenhum : o magico me aconselhou que o não fizesse.
 - Eu lh'o peço.
 - Deos me livre de obedecer-lhe, Annica.
 - Emprasta-me a sua luneta por cinco minutos ?
 - Sem duvida.
- Passei a luneta á prima Annica, que apenas fixou-a, exclamou, retirando-a :
- Ah ! nada posso ver e que pezo sobre os olhos. que fogo.
 - E' effeito da magia.
 - Quando eu digo que ha magicos de

Deos, e magicos do diabo não querem me acreditar ! observou a tia Domingas.

— Ora pois, mano Simplicio, disse meu irmão ; conserve cuidadoso a sua boa luneta.

— Olhe-me com ella ! tornou a prima Annica.

Fiz-lhe a vontade, olhei-a por dous minutos.

— Como me acha ?

— Lindos cabellos, e rosto á que um signalzinho azul na face esquerda dá tal encanto.

Annica interrompeu-me desatando a rir ; mas com evidente satisfação da sua vaidade de moça.

Eu estava como assombrado.

Que mudança de idéas e de prevenções, e de apreciações relativamente a *luneta magica!*

Quem pudéra dizer aos meus parentes que a minha nova luneta não era como a outra, e que em vez da *visão do mal*, continha o poder da *visão do bem* ?

Como isto aconteceu não sei; mas aconteceu.

Evidentemente eu não tinha perseguição, nem perigos a recear.

O armenio salvava-me.

O armenio é verdadeiro magico.

II.

Acabado o almoço, e depois de abraçado e ardentemente felicitado pelos meus tres parentes, de quem ainda continuava á desconfiar muito, voltei ao meu quarto com a alma repleta de consolação, de alegria, e de entusiasmo.

Creio que entrei no meu quarto, saltando jubiloso, como um candidato da opposição que se vê eleito deputado depois de uma dissolução da camara temporaria, ou com^o um mancebo namorado que após resistencias crueis da familia da amada, recebe a decisão ditosa, que lhe dá as glorias de noivo.

Beijeí mil vezes a minha *luneta magica* e mil vezes jurei que seria acautelado e prudente,

que me contentaria com a *visão das apparencias* e que nunca iria além de tres minutos procurar a *visão do bem*.

Entretanto a *visão do bem* era uma cousa que não podia fazer mal !.

Esta idéa já havia entrado por mais de uma vez no meu espirito : *ver o bem* ! eu tinha soffrido tanto, vendo em tudo, em todos, e por toda parte *o mal* que *ver o bem* poderia ser uma agradável compensação, uma profunda consolação para mim.

Mas eu jurára á mim mesmo obedecer fielmente aos conselhos do armenio, e portanto venci, esmaguei o meu desejo de *ver o bem*.

Heide, protesto que heide contentar-me com a *visão das apparencias* : é duro, é triste o privar-me da *visão do bem* ; não a quero porém ; juro que não me exporei á essa *visão* que o armenio reputa inconveniente.

A *visão do bem* ! deve ser deliciosa ! mas não a quero ; não sou criança louca ; sou homem de juizo, e de força de vontade: não quero, não terei a *visão do bem*.

III.

Lembrou-me o meu amigo *Reis*.

O *Reis* ! tenho pena delle.

A incredulidade do meu amigo *Reis* é mais do que pertinacia no erro, é um attentado contra os direitos do publico que por ella se vê privado de instrumentos opticos temperados pela magia do armenio, e que podem vulgarisar maravilhas.

O meu amigo *Reis* é incredulo ; eu porém não sou egoista, não quero para mim só os milagres que o armenio é capaz de realizar.

Conscienciosamente entendo que em proveito de todos devo atraiçoar o meu amigo *Reis*, publicando o que sei e o que obtive do armenio, e o que o armenio é capaz de dar, enriquecendo, sublimisando, tornando magicas as officinas, que alimentão o armazem do *Reis*.

Que me cumpre fazer ? é claro : vou redigir uma noticia do que obtive e consegui das officinas do *Reis*, vou denunciar a

existencia do armenio, e a sua extraordinaria habilidade em magia, vou obrigar, forçar o meu amigo *Reis* a satisfazer aos seus freguezes, tornando publico o que o armenio se declara prompto á realizar em materia de instrumentos opticos encantados ou magicos. E' um serviço que devo prestar ao meu paiz e ao mundo.

Enthusiasmado fixei a luneta, tomei a penna e comecei logo a escrever.

NOTICIA IMPORTANTE.

« O abaixo assignado possuidor de uma nova e não menos admiravel *luneta magica* que, por grande favor obteve do Sr. *J. M. dos Reis*, em cujas officinas na *casa de instrumentos phisicos etc.* á rua do Hospicio n. 71 trabalha um armenio que é profundamente amestrado em magia, julga do seu dever publicar um segredo que não convém ser por mais tempo guardado.

« O Sr. *J. M. dos Reis*, teimando em não acreditar na magia, nega-se á aproveitar-se

dos offerecimentos do armenio, prejudicando assim os seus interesses e os do publico.

« Informo pois que o armenio, á quem devo a *luneta magica*, se propõe a preparar para que o Sr. *J. M. dos Reis* exponha á venda no seu armazem vidros e instrumentos opticos de assombrosas condições; espelhos que reflectem a imagem dos velhos com o viço da mocidade passada, oculos, binoculos e lunetas que fazem ver o que se passa e o que ha a muitas centenas de leguas de distancia, no leito dos rios, no fundo dos mares, no seio da terra. »

Oh!. que fiz eu? que estou vendo?.
meu Deus!. é a *visão do bem!*

Escrevendo, esqueci o tempo, passarão mais de tres minutos, e, como predicera o armenio, *hoje mesmo desobedeci aos seus conselhos!*

Pequei involuntariamente; como porém é bella e suave a *visão do bem!*

As palavras que eu acabava de escrever me parecerão acendidas em brando fogo em que brilhavão generosos sentimentos. as

palavras escriptas fallavão á meus olhos, a incredulidade do *Reis* exprimia a nobre severidade da sciencia e o escrupulo da religião, a capacidade magistral do armenio revelava o innocente e benefico poder da magia que os homens não comprehendem, e porisso apreciação mal, a noticia escripta por mim transpirava de todas as linhas, de todas as palavras de todas as syllabas o amor da humanidade. Em tudo e em todos sómente sentimentos nobres, e doces virtudes.

Que prazer! que delicias experimentei e estou experimentando!

Ah! porque o armenio havia de aconselhar-me á não usar da *visão do bem*?

Porque privar-me destes gozos que fazem sorrir a alma beatificada pela pureza e santidade do sentimento?

Que *mal* pôde provir do *bem*?

Eu me senti feliz, immensamente feliz...

Completei a *noticia*, acrescentando ao que tinha escripto, o seguinte periodo.

« Ao publico, e especialmente aos freguezes do Sr. *J. M. dos Reis* cabe o direito de á força

de pedidos, empenhos, e reclamações coagi-lo á vencer a sua incredulidade, e á aproveitar os offerecimentos do armenio magico para facilitar ao publico e aos seus freguezes todos os instrumentos opticos e maravilhosos espe-lhos encantados pela magia. »

Datei a noticia, assignei-a com o meu nome e immediatamente mandei tirar della tres copias, para que no dia seguinte apparecesse ao mesmo tempo em todas as gazetas diarias da cidade do Rio de Janeiro.

IV.

Que *mal* pôde vir do *bem* ?

Devo abster-me da *visão do bem* depois de haver experimentado uma vez as sensações mais deliciosas, a suavissima consolação que ella assegura?

O armenio me aconselhou que me absti-vesse da *visão do bem*, declarando-a tão perigosa, como a *visão do mal* ; eu porém involuntariamente já infringi esse preccito do magico.

Se ha perigo na *visao do bem* já pois inadvertidamente me expuz á elle.

A falta, a desobediencia estão commettidas..

Ainda mais : o armenio afirmou que *hoje mesmo* eu desobedeceria aos seus conselhos, e assim aconteceu sem que da minha parte houvesse intenção premeditada.

Portanto o que aconteceu tinha de acontecer.

Não seria estulta vaidade pretender levantar-me contra a fatalidade, risistir a lei da magia ?

E a *visão do bem* me foi tão agradável !

Se eu não pude vencer o encantamento da *visão do mal*, que me fazia soffrer tanto, como poderei triumphar do encanto da *visão do bem*, que é tão delectosa ?.

Eu não sei se estou sophismando para me enganar a mim proprio, imaginando, inventando excusas e desculpas com o fim de serenar a minha consciencia, que escrupulosa me repete os conselhos do armenio ; sei porém e confesso que a curiosidade, um desejo irresistivel me impellem com a mais viva

força para o gozo da *visão do bem*, que já me encheu a alma de felicidade e de contentamento.

Eu sinto que ha verdade e enlevo, beatificação da vida, amor da terra e dos homens, sorrir do coração, luz do céu illuminando a terra na *visão do bem*.

Quaesquer que sejam os perigos á que me arrisque pela *visão do bem*, de boa vontade os arrostarei.

E' impossivel que eu me torne desgraçado por *ver o bem*.

Perdão, armenio ! d'ora avante vou desobedecer-te intencionalmente.

Visão do bem ! eu te quero, eu te adopto, eu te bemdigo, e te aceito para guiar-me no caminho da vida.

V

Fixei a luneta e cheguei-me á janella do meu quarto : vi a prima Annica debruçada á janella do seu.

Lembrou-me a idéa que dos sentimentos dessa moça egoista, fria, incapaz de amar eu fizera pela *visão do mal*, e retirei a luneta com repugnancia.

Momentos depois a reflexão me acudio; e comprehendí que exactamente pelo conhecimento que eu já tinha daquella mulher calculo, mulher arithmetica, mulher mais terra do que céo, mais materia do que espirito, mais pó do que alma, era nella que melhor experimentaria a *visão do bem*.

E fitei a prima Annica, que parecia estar meditando.

Vi-lhe o rosto que eu conhecia, o sinalzinho azul que o engraçava, os cabellos formosos, e.

Passarão os tres minutos, e o coração e alma de Annica se abrirão, se patentearão ao meu espirito prescrutador.

Oh! como fôra calumniadora e perversa a *visão do mal*!

Annica é um anjo de innocencia e simplicidade, e ao mesmo tempo uma senhora de juizo recto e de exemplar virtude. O

que eu julgara nella gelo do coração era virginal recato, o que eu tomara por calculo material e egoista era a reflexão e a sabedoria instinctiva de uma mulher modelo : zelosa sem ciumes rudes e ridiculos, economica sem vileza, amante sem paixão em delirio, serena, complacente, dedicada, livre do amor da ostentação e do luxo, de costumes simples, estremecida pela familia, paciente, suave, meiga, Annica é a mulher que reúne todos os dotes para felicitar o homem que fôr seu esposo.

Encontrei a minha imagem na alma de Annica ; não porém como a *visão do mal* m'a mostrou : encontrei-a amada, ternamente amada, encontrei-a cercada dos cuidados e do interesse de um sentimento tão profundo como generoso que só lembrava a minha fortuna, a minha riqueza com o receio de que fossem motivos que excitando a ambição de alguma outra mulher, prejudicassem ás aspirações do seu amor desinteressado e puro.

Vi na alma de Annica tambem a imagem

do mano Americo, mas sómente afagada por innocente e mimosa afeição fraternal.

Horisonte sem nuvens, mar sem tempestades, céu de lua cheia luminoso e sereno, jardim de bellas flores sem espinhos, terra de solidão sem florestas negras, nem abysmos, nem antros de fêras, tranquillidade sem tristeza, saudade sem amarguras, flamma sem incendio, recato, modestia, melindre, abnegação, amenidade, eis o que é a prima Annica.

De subito ella volveu os olhos para a minha janella, percebeu que eu a fitava com a minha *luneta magica* e sorriu-se docemente para mim.

Que sorrir! foi como um raiar de aurora.

Deixei cahir a luneta, e quasi que me ajoelhei para adorar a angelica moça.

Creio nos amores que de repente conquistão e escravisão os corações.

Creio nas paixões que de improviso se acendem.

Creio nos amores e nas paixões que os romances nos descrevem inspiradas em um

momento pelos encantos de jovens formosas e de prestígio deslumbrante.

Creio; porque eu sinto que amo apaixonada e perdidamente á prima Annica.

Eu quero ajoelhar-me, prender-me aos pés desta moça gentil, mimosa, rica de virtudes, quero ajoelhar-me á seus pés, prender-me aos seus pés, como se me prendesse as azas de um anjo, que em sublime vôo me levasse á salvação, á gloria suprema, ao céu.

Abençoada seja a *visão do bem*, se a prima Annica quizer aceitar a minha mão, o meu nome, e ser minha espoza, a santa companheira na minha viagem pela terra, a mulher unificada comigo nos trabalhos, e nos gozos da vida.

VI.

Veio-me a idéa correr immediatamente á presença da tia Domingas e pedir-lhe em casamento á prima Annica; mas contive-me; porque me lembrou que devia para isso achar-me autorizado pela noiva, e porque desejei

desfructar o encanto de alguns dias de intimas confidencias, e de enlevo de namorados com a adorada moça.

Com a certeza que eu tinha de ser amado por Annica, e com a segurança da sua virtude alguns dias de demora no pedido de casamento não podião, senão duplicar a minha felicidade com o aguçamento de honestos mas ardentes desejos da posse do objecto amado.

Empreguei o resto do dia no estudo da tia Domingas, e do mano Americo pela *visão do bem*.

Indispensavelmente a *visão do mal* tinha sido a visão do diabo, que me fizera ver o contrario da verdade, e calumniar os mais santos corações, e os caracteres mais puros e generosos.

A tia Domingas era a devoção, a piedade personalisada. Aos pobres negava esmola á nossa vista, e semeava beneficios ás escondidas : era a caridade do evangelho : o bem que fazia, só ella o sabia, e quando resava, mais vezes suas orações erão por seus parentes e pelos extranhos, do que por si. No governo

da casa economisava para matar a fome á indigencia, e imaginava mil pretextos para ter mais que dar, e encobrir o que dava.

A tia Domingas era e é uma santa velha: o que ella faz em obras de caridade só Deos o sabe, e eu agora tambem o sei pela *visão do bem*.

O mano Americo é o typo da dedicação fraternal: vive pensando em mim, negociando por mim, e explorando em meu favor e beneficio as evoluções, revoluções, e combinações da *praça do Commercio*.

Em sua abnegação sublime deixa intactas e não desviadas do emprego em que se achão as sommas da sua riqueza propria, e, mercê de uma procuração que assignei, negocia com a minha fortuna, jogando na praça: se perde, perco eu e é justo; se ganha, tira dos lucros a sua porcen'agem, o que é justissimo: a prova da honradez e boa fé do mano Americo é que a minha fortuna ainda não diminuiu um scitil, embora não tenha augmentado por causa de alguns prejuizos consequentes de jogo infeliz.

O que tem sempre augmentado é a fortuna do mano Americo que nunca perde, e ganha sempre ; mas á isso nada tenho que dizer ; porque o mano Americo só se occupa de mim, e faz o sacrificio de jogar na praça sómente com o meu dinheiro, e em tal caso quando ha perdas, é evidente que eu devo carregar com ellas, tanto mais que quando ha lucros, meu irmão os reparte comigo.

E' evidente que se o mano Americo jogasse na praça com os seus proprios recursos, ganharia sómente para si, e eu não teria parte nos lucros.

Eu fôra o mais vil ingrato se desconhecesse o que devo ao mano Americo.

A *visão do bem* acaba de mostrar-m'o tal qual elle é. A sua prudencia e sabedoria igualão á sua dedicação fraternal, e aos escrupulos de sua probidade.

Com a minha *luneta magica* eu poderia gerir perfeitamente os meus negocios ; não incorrerei porém nesse erro : o mano Americo continuará a ser o depositario de toda minha

fortuna, e a administrará e empregará abso-
luctamente, como entender melhor.

Oh quão aleivosa e envenenada, traidora
e diabolica era a *visão do mal* ! á que cri-
minosos juizos sobre o character dos meus
optimos parentes me levou ella !

Ainda bem que posso emfim ver e apreciar
a verdade, e pelo conhecimento da verdade
viver a mais ditosa, e risonha das vidas.

Cazar-me hei com a prima Annica

A tia Domingas será o genio protector da
familia, e o anjo da caridade que fará descer
as bençãos do céu sobre a nossa casa.

O mano Americo continuará a ser o arbitro,
o regulador dos negocios da familia, dispondo
convenientemente dos nossos cabedaes em
proveito de todos.

E eu serei o egoista, o desfructador de
tantos beneficios e de tanta felicidade sem
trabalho, sem cuidados, só me occupando
do amor da prima Annica.

Abençoado seja o armenio !

Abençoado seja a luneta magica que me
deu a *visão do bem*.

VII.

Eu tinha a febre da felicidade.

O mundo e a vida me festejavão o coração : eu desejava rir, divertir-me, folgar.

Em casa a tia Domingas e a prima Annica dormião cedo, e eu senti-me contrariado pelas horas que havia de perder, deitando-me antes da meia noute.

Acudiu-me ao espirito um pensamento extravagante, e talvez menos digno de quem já se considerava noivo : lembrou-me ir ao Alcazar Lyrico, que nessa noute dava espectáculo e representação — não pedidos, nem para publico de escolha —; mas da sua serie ordinaria e portanto menos contidos e mais livres.

Não reflecti mais : decidi-me á realizar o meu intento.

A' hora aprazada entrei pela primeira vez no tal theatro francez, de que tanto mal me dizião, e tomei um lugar no meio de numerozo concurso de homens e de mulheres.

Antes de tudo observei o theatro, cuja discrição não farei : achei-o bonito e commo-
mas no fim de tres minutos de exame, a
luneta magica encantou-me com a *visão do
bem*.

Que injustiça fazem ao *Alcazar Lyrico* : vi
nelle o contrario do que me informavão ! vi
nelle o ponto de reunião de todas as classes
da sociedade, o jubiloso recurso de entre-
timento para os homens pobres que não
podem pagar outro menos barato, e para as
mulheres que degradadas pelo vicio são re-
pellidas da boa sociedade ; vi nelle a mais
eloquente escola de moralidade publica pela
exposição ampla e quasi sem medida do
commercio immoral e repugnante das creaturas
desgraçadas que tem descido á ultima abjecção:
melhor que as theorias e os conselhos de
um pai austero, fallava alli á mocidade o
exemplo vivo dos perigos e das torpezas da
devassidão. O Alcazar me pareceu emfim
uma bella instituição philantropica e philo-
sophica, a Ethica de Job ensinada pelas anti-

theses, a ostentação da grandeza da virtude pela observação da baixaza do vicio.

Não pude comprehender a razão ; porque o governo do Brasil ainda não concedeu subvenção ou loterias annuaes para auxilio deste admiravel theatro lyrico francez !

Passei immediatamente á observar os espectadores de ambos os sexos, e antes delles as actrizes ou artistas.

Em breve me apercebi como que abysmado em um deluvio de arrebatadoras graças e dos mais generosos sentimentos. Não houve para a minha luneta uma só actriz franceza que não fosse prodigio : se nos primeiros tres minutos uma me pareceu menos bonita, outra menos bemfeita, e outra menos engraçada, passados os tres minutos veio a *visão do bem* obrigar-me á pagar a todas ellas os justos tributos da minha admiração : esta actriz captivou-me pela sua rara e exquisita sensibilidade que a tornava por agradecida e terna incapaz de resistir a flamma de quem em honra de sua belleza hia confessar-se mostrar-se rendido á seus pés : aquella deu-

me o mais sublime exemplo do amor do próximo; porque abrasada nesse religioso fogo de caridade, não sabia fazer excepção no seu amor do próximo, e amava todos os próximos, como a si mesma: aquella outra, vivo e sorprendente symbolo de humildade evangelica, condescendente e submissa dobrava-se á vontade alheia, e era a escrava de cem senhores.

Declaro que tive medo de apaixonar-me por todas essas generosas e santas creaturas, em cujos olhos ardentes, felliceiros sorrisos, requebros de corpo, e estudadas posições descobri sómente a ambição innocentissima de agradar, o impulso da sensibilidade a mais terna, o amor do próximo ou dos próximos o mais profundo, e a humildade christã da santa moça submissa e prompta a ser escrava de novos senhores.

Evidentemente havia para o noivo da prima Annica verdadeiro perigo na observação repetida daquellas moças tão resplendentes de innocencia e de candura; dellas pois desviei a minha *luneta magica*, e com o coração

ainda palpitante de ternura, de enlevo, quasi de entusiasmo, fixei-a no rosto de uma joven que estava sentada perto de mim.

Cabellos castanhos e ondeantes, rosto oval e de côr pallida com uns longes roxos nas faces, olhos pretos e vivos, dentes brancos iguaes e em continuo rir de continuo ámostra, o peito e os braços nús e os seios e as axilas por metade fóra do vestido, mãos de vadia, cintura fina, os pés calçando botinas á *Benoiton* e atirados em exposição, palavra solta e louca, modos descomedidos, mobilidade febril, provocação e petulancia, — eis a joven em quem eu fixára a minha *luneta magica* e que não podia contar mais de vinte annos de idade.

Era pois moça e bonita ; mas trazia no olhar, no fallar, no rir, no proceder o leltreiro da devassidão : cauzou-me dolorosa impressão : tive dó daquella mocidade pervertida.

Entre mim e ella estava sentado um velho de sessenta annos pelo menos, que todo impertigado á miudo lhe fallava ao ouvido, como o fazia tambem pelo outro lado um

mancebo que evidentemente devia ser mais attendido.

A rapariga mostrava-se alegre e folgazona, e sem duvida ria-se do velho, quando escutava os segredos do moço.

Animei-me a perguntar em voz baixa ao velho :

— Quem é esta mulher ?

— Não a conhece? disse-me elle admirado.

— Confesso que não.

— Pois não conhece á *Esmeralda* ?

— *Esmeralda* ? é o seu nome de baptismo ?

— Quasi todas as raparigas da classe desta adoptão ou recebem o seu nome de guerra: a moça que está vendo á meu lado, chama-se *Esmeralda* pela paixão e preferencia que lhe merecem as pedras desse nome : observe o adereço que ella traz ao pescoço.

— Com effeito é riquissimo.

— Sei bem o que elle vale : custou-me os olhos da cara.

Voltei-me com repugnancia, desviando outra vez a minha luneta magica da figura

daquella mulher desgraçada, e do rosto do velho ridiculo e parvo.

Pouco depois mudei de lugar e encontrei-me com aquelle mancebo meu visinho que prazenteiro, gracejador e sempre jovial, tão indigno da minha amisade me parecêra julgado pela *visão do mal*.

Já desconfiado dessa *visão* calumniadora, observei-o primeiro á alguma distancia por mais de tres minutos, e reconheci a perfidia da minha primeira luneta : o meu joven amigo era o character mais igual, mais nobre e distincto que se podia imaginar.

Fui ter com elle, que me festejou com expansão de verdadeira alegria.

— No Alcazar!!! exclamou emfim ; tu no Alcazar !.

— E' verdade : começo á viver.

— Estás apenas meio perdido ; mas eu vou te perder de todo.

— Como ?

— Do Alcazar á uma cêa infernal é só um pulo : queres pular?

— Não entendo.

— Convido-te para cear com uma duzia de demonios de ambos os sexos.

— Uma orgia.

— Pouco mais ou menos : mademoiselle tem medo de se comprometter ?

Corei da zombaria, e respondi :

— Aceito, se és tu que dás a cêa.

— Nessa não cahia eu : quem paga a cêa é o tolo.

— E quem é o tolo ?

— E' o *paio*.

— E quem é o *paio* ?

— E' um animal que não conheces : é o velho que a *Esmeralda* depenna.

— Conheço-o já ; mas com que direito me convidas ?

— O pateta do velho conta comigo e com um primo, de quem lhe fallei, e que me faltou a palavra por causa de uma sobrinha, que celebra esta noute um baptisado de bonecas: ficarás sendo meu primo durante a cêa, ou és mais tolo que o velho.

— Aceito o convite.

— Ainda bem, meu primo: principias á ter juizo.

VIII.

A meia noute o velho, dez alegres moças e outros tantos mancebos rodeavão esplendida meza.

Ridiculo Baccho de cabellos brancos, o velho provocava a companhia ao ruído, ás cantigas livres, ás libações frequentes, á desenvoltura, á orgia emfim.

Mais bella e petulante que todas as suas companheiras *Esmeralda* era digna rainha daquella festa, que me inspirava espanto e horror.

Esmeralda impudica e douda desnudava encantos que o recato esconde cuidadoso, deixando-os apenas advinhar nas palpitações do peito que arfa. Ella tinha esvasiado as taças cheias de seis vinhos diversos, e pedia ainda champagne, e cognac !

Misera bacchante precisaria em breve que

a levassem quasi carregada para dormir em casa.

A bella moça embebedava-se !

Dentro em pouco faltava o juizo á quasi todos : mulheres e homens se achavão aviltados, castigados pelos venenos da orgia e da depravação dos costumes.

Dous unicos dos convivas resistião ao contagio fatal, o meu amigo, que bebera vinho com agua, e eu que bebera agoa com vinho.

— Primo, disse-me elle; estuda esta lição, e aproveita-a.

— Tens razão, respondi : é tempo de fazelo : devo e quero apreciar toda a ignominia, e toda a immensa vergonha dos nossos socios de orgia.

E fixei a minha *luneta magica* sobre a *Esmeralda* embriagada.

A' principio vi, o que tinha já apreciado, seus dotes physicos, sua gentileza que o vinho e a petulancia apenas annuviavão: *Esmeralda* era ainda bonita apezar da embriaguez e da ignominia ; sem duvida que o era ; pois que eu o reconhecia, embora o sentimento que

ella me inspirava fosse o da repulsão e do tédio, que nos causa a vista de um animal immundo.

Passarão porém os tres minutos e começou a *visão do bem*.

Li com surpresa e enternecimento na alma da embriagada a historia do seu passado e dos tormentos de sua vida.

Menina de coração angelico, mimoso typo de sensibilidade, fôra muito cedo victima do crime: era pobre e orphã e uma parenta corrompida preparou-lhe sinistro somno, e vendeu-lhe á um monstro a innocencia e a pureza: rirão-se de suas lagrimas e a arrastarão para o vicio: mas em breve despertando no meio da perversão Esmeralda teve remorsos, detestou sua vida, foi mil vezes desgraçada; desejou amar e ser amada, como ama e é amada a senhora honesta; era porém tarde! o mundo já tinha marcado a sua frente com o signal negro da reprovação perpetua. Então principiou para a misera a vida do phrenesi á que o desespero preside.

Na convicção tremenda do seu aviltamento embriaga-se todos os dias para esquecer a sua miséria moral, e para matar-se: sabe e sente que o *cognac* queima-lhe as entranhas e lhe abrevia a vida: pelo sabor aborrece o *cognac*, pelos seus efeitos adora-o: beberia fogo vivo, se o fogo vivo se bebesse.

O seu rir continuo é o delírio da dôr, a antithese das torturas do coração em convulsões dos lábios que fingem alegria.

Ninguém a despreza tanto como ella mesma se despreza, porque na pureza dos seus sentimentos e de sua sensibilidade adora a virtude, comprehende a sublimidade do amor honesto, e se reconhece infame pela infamia do vicio.

Quando está só em casa, e vê passar uma joven com o vestido branco e a virginal corôa de noiva no carro que a conduz a igreja, *Esmeralda* se ajoelha, chora, e reza; chorando por si, e orandó pela noiva.

Fatal arruinadora dos ricos, que se tornão seus apaixonados, parece nadar em mar de ouro, e nunca lhe sobra o dinheiro; porque

ella alimenta e veste quantos pobres a procurão ; ou quantos pobres conhece : mas tem fama de dissipadora e ninguem a chama caridosa.

Nos desvarios precipites da sua vida *Esmeralda* ganhou creditos de petulante, interesseira, vil, desordenada, infrene e louca, incapaz de uma affeição, não susceptivel de amar, demonio de gello, demonio de voracidade aurea, demonio de corrupção : ella o sabe e ri com o seu rir que é mais amargo, do que o pranto mais doloroso.

Que falsa apreciação ! *Esmeralda* é flagellada pelo seu pudor innato de mulher que nasceu para ser santa : não tem ordem na vida material, porque abomina o calculo egoista á ponto de esquecer os cuidados do futuro ; o que chamão sua loucura é como um castigo que ella se impõe na terra ; sensivel dedicada, extremosa, amando tão ardentemente a virtude, que nem concebe escusa, desculpa, ou perdão para sua vida manchada e ignominiosa, tem um coração que é um abysmo de amor exaltado e sublime.

Se fosse amada, esposa de um homem á quem amasse, seria typo de fidelidade, heroína pela abnegação, martyr pela paciencia, anjo pela santidade dos sentimentos e da vida.

Contemplando essa victima do mundo, e dos homens, essa embriagada adoravel, essa virtude cheia de manchas, esse cherubim profanado, essa mulher formosa de corpo aviltado e alma pura, esse coração todo amor, essa Magdalena que se torturava no vicio, que se atribulava na orgia, que se degradava na embriaguez, que antes dá morte e com severa consciencia condemnava o corpo á corrupção, á podridão, ás extremas e esqualidas miserias da terra, e tinha a alma arrependida já metade no céo, tive impetos de correr á beijar-lhe os pés, e de bradar-lhe: «acorda! surge do somno da embriaguez! eu te comprehendo e te amo, eu te regenero, dando-te o meu nome!»

Creio que dominado pelos encantos phisicos e moraes de *Esmeralda*, eu teria hido além de treze minutos de contemplação, se o meu primo de convenção não me tivesse tocado

no braço, fazendo assim cahir a *luneta magica* que eu fixara sobre a infeliz moça.

— Não olhes tanto para a Esmeralda; disse-me elle : corres o risco de ficar verde.

Ou por acaso, ou porque ouvisse a observação do meu supposto primo, a Esmeralda cravou em meu rosto um olhar flammejante, e logo depois empunhando o copo, bradou :

— Cognac ! cognac ! cognac !

Pareceo-me então que a ouvia pedir veneno para se ir matando, levantei-me de subito, e atirei-me de encontro ao criado que corriera á deitar-lhe cognac no copo : arrebatei-lhe da mão a garrafa e exclamei :

— Basta ! a senhora não deve tomar mais cognac !

— Pois então. Vou-me embora. ; balbuciou a Esmeralda, e no meio de geraes gargalhadas, sahiu, cambaleando, apoiada no braço do velho.

IX

Dormi mal o resto da noute ; porque des-

pertei por vezes, sonhando com a prima Annica, e com a Esmeralda, e no dia seguinte encontrei as imagens de ambas, felicitando a minha alma.

Cumpre-me dizer que senti por isso mesmo o primeiro inconveniente da *visão do bem* : eu amava igualmente as duas moças, e hesitava sobre qual dellas merecia preferencia.

Annica era pura ; Esmeralda manchada pelo vicio mais torpe.

Annica era sobria como todas as senhoras de educação e apenas em jantar ceremoniozo molhava os labios com algumas gotas de champagne : Esmeralda era affeita á ignominia da embriaguez.

Annica era objecto do respeito de todos, e sómente em culto á sua virtude, e ás delicadezas devidas ao seu sexo, alguns na sociedade lhe beijavão reverentemente a mão : Esmeralda era o escarneo de muitos, e o insulto vivo da moral publica.

Mas eu, melhor que todos, conhecera Esmeralda pelas revelações da *visão do bem*, e não podia deixar de fazer-lhe justiça.

Annica era feliz, tivera mãe e parentes á velar por ella, educação á a primorar suas virtudes ; Esmeralda era a desgraçada martyr sacrificada por infame parenta: a primeira tivera todos, a segunda ninguem por si.

E além disso a Esmeralda conservava o melindre do sentimento na depravação da vida : devorada pelos remorsos, tendo aversão ao vicio que a aviltava, arrojava-se á elle, como á um castigo, e procurava abreviar seus dias com o veneno da embriaguez

Não era Magdalena arrependida, mais era Magdalena delirante.

Se apparecesse um homem que amando Esmeralda, e sendo por ella amado, lhe dicesse : « eu te amo ! eu te dou o meu nome e te regenero ! » essa mulher se agarraria á esse homem, como á um anjo de salvação, e sua espoza dedicada, extremosa e fiel o faria feliz.

O marido de Annica será por força ditoso ; mas desfructador egoista de uma dita, que toda lhe hade vir da espoza ; o marido de Esmeralda porá fim á um grande infor-

tunio, cobrirá com os véos do seu nome uma nudez reprovada; fará uma obra de caridade, de amor santo, que o exaltará aos olhos de Deus, que purificou a Magdalena arrependida.

Em uma palavra o marido de Annica poderá ser mais ditoso; mas o de Esmeralda será mais generoso.

E todavia eu hesitava sempre.

As vezes a minha razão me dizia que todas as mulheres pervertidas tem sempre de prevenção no espirito a historia de uma perversa seducção, de martyrios crueis, de desespero, de arrependimento sem proveito, de dezejo de morte, e de exemplar dedicação: suas virtudes raras, e seus sentimentos sublimes, brilharião sem duvida com o mais vivo fulgor se achassem maridos que as regenerassem; reservando-se ellas entretanto o direito de serem no futuro e depois de cazadas dignas do seu ignominioso passado.

A reflexão tambem me diz que a mocidade inexperiente e generosa tem na sua inexperiencia e generosidade uma especie de *luneta*

mágica com a *visão do bem*, que faz tomar a nuvem por Juno, e acreditar facilmente em tudo quanto lhe cantão aquellas perfidas serêas.

A razão emfim me está clamando, que o verdadeiro arrependimento exclue a idea da persistencia no peccado, e que a practica do vicio em nome do desespero, da embriaguez em nome do dezejo da morte, e do esquecimento da infamia no somno do alcool são pretextos rudes, sophismas repugnantes das mulheres depravadas.

Se é assim realmente a *visão do bem*, isto é, o modo de ver e de acceitar as couzas, de apreciar os factos, e de julgar os homens, o homem e a mulher sempre pelo lado bom, sempre pelas regras da desculpa, do perdão, do bem, do optimismo na humanidade, é um grande e enorme perigo tão fatal em suas consequencias, como a *visão do mal* que é o extremo opposto.

Estas considerações começavão a perturbar-me, á incommodar-me ; eu porém não podia, sem offender a minha consciencia, negar-

me á confessar, á reconhecer, a proclamar o que tinha visto pela *visão do bem*, contemplando a *Esmeralda* com a minha *luneta mágica* por mais de trez minutos.

Evidentemente eu seria indigno, malvado, senão declarasse, senão estivesse prompto á declarar á todos, e á face do mundo, que a *Esmeralda* é uma pobre martyr, manchadá em sua vida ; mas santa pelo sentimento, anjo pelo coração.

Portanto a *visão do bem* fazia-me adorar a *Esmeralda*, como eu adorava a prima An-nica, e hezitar sobre a escolha, sobre a preferencia entre uma senhora honesta e pura, e uma mulher perdida e petulante.

A razão fria lutava com o sentimento em fogo, a reflexão com a generosidade, o juizo com o coração.

Muitas vezes eu tinha vergonha dessa minha hesitação entre a pureza e o ultimo aviltamento.

Mas hesitava sempre.

A luta era um tormento, e a *visão do bem* começava pois a me fazer mal.

X

Mostrei-me pensativo e menos alegre ao almoço : Annica reparou nisso, e perguntou-me docemente qual podia ser a cauza da minha melancolia.

Disse-lhe que tinha dormido mal, porque levára toda a noute á sonhar com ella : a resposta a fez sorrir, e livrou-me de mais explicações.

Nada é mais agradável á mulher do que o culto, e a thurificação á sua vaidade.

Logo depois sahi para vizitar o meu amigo *Reis*, e dar-lhe conta da força, e do poder maravilhoso da minha *luneta magica*.

Uma vez por todas fica declarado que o publico da capital, como os meus parentes o tinham feito, deixou-me com a mais completa e absoluta tolerancia ou indifferença no gozo pacifico e pleno da minha nova *luneta magica*, conforme o armenio o havia garantido.

Ao chegar á casa do meu amigo *Reis*, um homem que com elle conversava no armazem,

voltou immediatamente as costas ao ver-me entrar, dizendo-lhe em voz baixa algumas palavras.

O *Reis* veio logo receber-me com a sua habitual e natural amabilidade.

Sem que rogado me fizesse, confiei ao excellento amigo tudo quanto se passara no dia antecedente em relação á minha nova *luneta magica*.

— E não haverá nisso ainda muita influencia de imaginação ? perguntou-me o *Reis* sorrindo-se.

— Sempre incredulo ! respondi-lhe eu ; não ha meio de convencer á um homem que não quer ser convencido.

— Lembra-se da *visão do mal* ?

— Muito.

— Que me diz dessa *visão* agora ?

— Que era calumniadora e perversa.

— E porque não será traidora e falsa a *visão do bem* ?

— Suppunhamos que o seja ; ainda assim a magia de que duvida é uma realidade, embora seja malefica.

— Proponho-lhe uma experiencia.

-- Aceito-a.

— Vê aquelle homem que nos dá as costas?

— Vejo-o.

— Vou esconder-lhe o rosto com um lenço e o senhor que já o julgou pela *visão do mal* o julgará pela *visão do bem* e me dirá quem é elle.

— Estou prompto : não sei se poderei dizer quem elle seja, porque ignoro se a *luneta magica* estende a tanto o seu poder ; mas tenho a certeza de ver, de apreciar e de patentear o seu character, e as suas qualidades boas ou más.

— Experimentemos pois , disse o *Reis*.

— E logo foi cobrir com um lenço de seda roxo o rosto do seu amigo ou freguez, que assim perfeitamente seguro de não ser conhecido, voltou-se para mim, e ficou firme, como se fosse uma estatua.

A' um lado entre mim e o desconhecido o *Reis* nos observava risonho.

Fixei a minha *luneta*, e principiei logo a fallar, descrevendo o que via.

— Rosto comprido, magro, um pouco moreno, cabellos que começam á esbranquecer.. este homem tem mais de cincoenta annos de idade.

E seguidamente fiz o retracto do desconhecido.

O *Reis* ouvia-me admirado.

No fim de tres minutos de observação senti que a *visão do bem* abria ao meu olhar a alma do desconhecido :

— Mal julgado por alguns ; mas nobilissimo character ! este homem é procurador de causas no fôro, e muitas vezes sacrifica seus interesses pessoaes, servindo a ambos os litigantes contrarios no empenho da conciliação e da harmonia : com o seu trabalho honrado, e sabia economia tem adquirido alguma riqueza, e sabe acudir ás circumstancias dificeis dos seus amigos, emprestando-lhes dinheiro á juros : os velhacos o chamão por isso uzurario : em seu lar domestico pede a espoza e a filha diligencia, zelo e labor para fundamento da segurança do futuro : elle trabalha, a mulher trabalha, a filha

trabalha, e a riqueza da família augmenta, e com o trabalho a moralidade do lar domestico aprofunda raizes. E' um homem util á sociedade : severo em seus costumes, austero na educação da filha, na direcção da espoza, no governo da casa, é um modelo de chefe de família, um exemplar, que por muitos pais e maridos deve ser copiado. Este homem chama-se. ah !

— Que é isto ? perguntou-me o *Reis*, notando a minha subita surpresa.

— Este homem chama-se Nunes. perdão meu velho e bom amigo ! exclamei avançando dous passos para elle ; perdão !. a *visão do mal* me tinha pintado o senhor com horriveis côres ! perdão ! perdoe-me ! a calumnia não foi minha, foi da *visão do mal* que era aleivosa e malvada !

Vendo-se reconhecido, o velho Nunes tirou o lenço que lhe cobria o rosto, e deo-me apertado abraço.

— Perdoa-me ? perguntei-lhe.

— Com uma condição.

— Qual ?

— Hade remir a sua divida : hoje mesmo jantará comigo.

— Com o maior prazer.

— Então também me perdoa ? perguntou-me o velho Nunes por sua vez.

— O que, meu amigo ?

— O mal que involuntariamente lhe causei : confesso que confiei a algumas pessoas o segredo da sua primeira *luneta magica* ; mas não fui eu quem inventou as falsidades que o comprometterão na opinião do povo.

— Tudo isso está passado.

— Ainda bem !

— Amigo *Reis*, eu quero agradecer ao armenio.

— Vou chama-lo já, ou antes venhão comigo.

Seguimos o *Reis*, e quando chegavamos á porta do mysterioso gabinete, esta se abriu, e o armenio appareceu, como se nos estivesse esperando.

— Para que me incommoda ? disse-me elle rudemente ; o dia em que precisará de mim,

não chegou ainda. Deixe-me vá gozar a *visão do bem*.

E trancou-nos a porta.

O velho Nunes observou, sorrindo :

— Positivamente a magia não tem escola de boa educação.

— Não ; disse eu com tristeza : o armenio está resentido da minha desobediencia : elle tinha-me aconselhado que me abstivesse da *visão do bem*.

— Enganas-te, criança ! respondeu de dentro do gabinete a voz do magico : o que aconteceu devia acontecer.

XI

Voltamos ao armazem e nos sentamos para conversar.

Eu estava outra vez de bom humor : a resposta do armenio tinha banido minha subita tristeza.

— Então meu amigo *Reis* ?

— Não comprehendo isto ; mas em todo cazo estou firmemente decidido a resistir ao

armenio, e a não consentir, á não admittir no meu armazem instrumentos magicos.

— E se os freguezes o exigirem ?

— Negarei a realidade do que não comprehendo.

— E se amanhã apparecer em todas as gazetas diarias da capital a noticia da minha nova *luneta magica* ?

— Confio na sua descripção.

— Pois não confie ; fui eu que redigi a *noticia*.

— Oh ! que fez ? exclamou o *Reis*.

Depois serenou logo e tornou :

— Soffrerei o que já soffri ; mas desta vez lançarei todas as culpas sobre o armenio que não falla e não apparece á pessoa alguma.

— Que teima !

— Não quero no meu armazem instrumento algum que não seja obra da arte e da sciencia humana. Eu já teria despedido este maldito *armenio*, se elle não fosse o artista mais habil, consummado, e dedicado das minhas officinas : tudo que sahe das

suas mãos, do seu trabalho, pôde-se dizer perfeito ; mas reputo a sua pretendida ou real magia perigosa a sociedade, offensiva da religião, capaz até de perturbar a ordem publica.

O velho Nunes desatou á rir.

— De que ri assim ? perguntou-lhe o *Reis*.

— Da sua innocencia, respondeu-lhe o velho ; vivemos na terra, no paiz das artes magicas, e o senhor se arreceia de introduzir nella obras de magia ! meu amigo o senhor está na cidade e não vê as casas.

— Como assim ?

— Creia que ha magias á cada canto : olhe : como é que empregados publicos, e homens de todos os mysteres e condições vivem, ganhando cinco, e gastando cincoenta em cada anno ? só por magia. Como é que um farropilha á dous ou tres annos se ostenta de subito milionario ? só por magia. Como é que o Brasil festeja todos os annos o anniversario da sua constituição liberrima e vive sem excepção de um dia fóra da lei constitucional e em plena dictadura, ou sob a von-

tade arbitraria, absoluta de quem está de cima? só por magia. Acredite-me : ha arte magica na vida, na riqueza, no procedimento e na fortuna de muitos : ha arte magica nas mizerias da administração, nas mentiras constitucionaes do governo, nas zombarias feitas á opinião, no impune desprezo do povo, e até na paciencia illimitada dos que soffrem ha arte magica.

— Basta, senhor Nunes ; no meu armazem se conversa sobre tudo, menos sómente sobre dous assumptos.

— Quaes?

— A vida alheia, e a politica do estado.

— Pois fiquemos no que dice. Que horas são ?

O *Reis* consultou relógio :

— Duas e meia.

— E' tempo : em nossa casa janta-se precisamente ás tres horas da tarde: a alegria seria completa, se o amigo *Reis* se sujeitasse á fazer hoje penitencia connosco.

O *Reis* esquivou-se cortezmente ao convite,

declarando que devia sua presença á um hospede.

O velho Nunes e eu sahimos.

XII

As tres horas da tarde em ponto serviu-se o jantar na casa do velho Nunes.

Eramos quatro a meza elle e eu, sua mulher, a senhora dona Eduvirges, e sua filha, dona Anna, á quem os paes chamavão familiarmente Nicota.

Honrando com o mais bem merecido appetite o simples jantar de familia que aliás era variado, excellente, e digno da apimentada cozinha brasileira, não me descudei de fixar a minha *luneta magica* sobre as duas senhoras,

Dona Eduvirges ainda bonita era o typo da matrona do nosso paiz: boa e affavel, mas recatada e grave, media suas palavras governava seus olhos, sabia ser a rainha da casa, porém obediente ao rei por theoria de educação e pratica da vida. Virtuosa

sem violencia, honesta sem esforços tranquillã e placida, feliz em seu retiro domestico era como harmonia muzical prolongada, monotona; mas em todo caso harmonia.

Nicota contava vinte e tres annos, era morena, bella, agradavel, jubilosa, e tinha uns olhos negros, que me parecerão cratêras de lavas apaixonadas. Eu nunca tinha visto olhos como esses, e, deve-se dizer, nos olhos e no sorrir é que está a flamma da vida de um rosto de mulher. A *visão do bem* tornou-me patentes a alma, e o coração de Nicota. Innocente, suave, meiga, nascida para obediencia de seu pae e do espozô, que a amasse, educada no trabalho que moralisa, na economia que não dissipa; mas não impõe privações, modesta e religiosa, ingenua e simples, engraçada e espirituosa sem saber que o é, poetica no fallar sem affectação, com um olhar que é fogo, com uma voz que é muzica, com um sorrir que é feitiço, com sentimentos em que a candideza se identifica com o amor,

Nicota fez-me esquecer durante o jantar a prima Annica, e a *Esmeralda*.

Levantei-me da meza do jantar embriagado, completamente embriagado não de vinho ; mas de amor.

Se eu não tivesse contemplado com a minha *luneta magica* Annica em quasi todo o dia, a *Esmeralda* na noute que se havião passado, creio que no fim do jantar, que o velho Nunes me dera, me curvaria ante esse amigo, pedindo-lhe a filha em casamento.

Em meu coração sensível já lutavão não duas, mas tres imagens de moças queridas, á quem eu amava com paixão igual, e sem preferencia possível !

Erão tres flammás ardentíssimas á consummir-me, a devorar-me a alma perdida por qualquer d'essas tres creaturas encantadoras e privilegiadas.

Eu amava Annica.

Amava *Esmeralda*.

Amava Nicota.

A preferencia, a escolha entre ellas era impossivel.

Eu soffria muito.

XIII.

Um mez inteiro correo para mim sempre em gozos da *visão do bem* em todos e em toda parte.

Mas, eu o confesso, a propria *visão do bem* não é isenta de inconvenientes, e á cada dia que passava, alguma nova contrariedade vinha perturbar a doce vida que eu vivia.

Desejando muito casar-me, ter por companhia e socia na fortuna amiga ou adversa, nos risos e no pranto uma mulher bella e amavel, eu sentia uma barreira indestructivel oppondo-se, tornando impraticavel a realisação desse desejo.

Do mesmo modo que me julgo com o direito de exigir da mulher que me aceitasse por espozó fidelidade absoluta, coração meu só, amor sem fingimento, assim tambem quero respeitar iguaes direitos naquella que me

aceitar por marido, nem admitto que seja pura e abençoada pelo céu a minha união com a noiva que eu levar ao altar, se ella tiver um pensamento para outro homem, e se eu tiver um pensamento amoroso para outra mulher.

Ora o que me está acontecendo é que, ápezar meu, eu amo Annica, Esmeralda, Nicota, e amo ainda com o mesmo ardor mais trinta jovens senhoras, que tenho estudado com a *visão do bem* !

Dizem que com uma paixão mata-se outra : é engano ! eu já me abraço em trinta e tres paixões, e creio que irei além.

E o que mais me penalisa, não é o meu tormento, este doce veneno trinta e tres vezes multiplicado, é a dor, a desconsolação ou a falsa esperança dessas trinta e tres victimas da minha sensibilidade exquesita ; pois que pela *visão do bem* tenho reconhecido que cada uma dellas tambem me ama, que todas ellas tambem estão apaixonadas por mim !

Urgido, attrahido por tantos amores, vivo como ás tontas á correr pela cidade para

pagar tributos de amor e adoração : mas se em toda parte tenho enlevos, tenho em toda parte saudades.

Neste mez já fui doze vezes á casa de Esmeralda, que me recebe sempre risonha e se despede de mim com uns ares que aos tres primeiros minutos de fixidade da minha luneta me parecem de inexplicavel admiração, e que logo depois a *visão do bem* me explica, que são de profunda melancolia, e de pungentes remorsos. O certo é que nas minhas doze visitas, o meu amor tem sido exclusivamente platónico, e a conversação que alimento sempre cheia de lições de virtude, e de suaves esperanças de regeneração moral pelo sincero e completo arrependimento do passado.

Esmeralda com a sua reputação de interesseira, e arruinadora de quantos a frequentão, ainda não me impoz, nem se quer me pedio a mais insignificante despeza : quiz uma vez fazer-lhe presente de uma joia, e ella, coitadinha ! respondeu-me quasi chorando.

— Não lh'a mereço : eu sou vil, e indigna

da sua bondade : selhe é grato obsequiar-me, assigne alguma quantia nesta subscripção destinada á salvar da miseria uma numerosa familia.

E apresentou-me um papel, no qual achei muitos nomes, e alguns de pessoas consideraveis, que tinham contribuido com seus donativos.

Assignei e dei o dobro da maior quantia que vi subscripta.

Nobre e caridosa *Esmeralda* ! as pobres contavão tanto com ella, que até hoje tenho-lhe encontrado na meza da sala mais oito subscripções para obras de misericordia, para as quaes tambem contribui, como pude, á despeito da resistencia, e dos protestos dessa moça tão mal julgada, dessa Magdalena suave, que, eu o espero, o arrependimento hade purificar.

As subscripções tem me custado pouco mais de um conto de réis, de que fiz entrega á *Esmeralda*, e estou perfectamente seguro de que ella não desviou um real do destino á, que se dedicavão as quantias assignadas.

A Esmeralda é o *genio do bem*. Um amigo sem duvida de character suspeito, procurou fazer-me acreditar que a infeliz rapariga zombava de mim, explorava a minha inexperiencia, e que as subscrições erão falsas, e não passavão de velhacos e rudes laços armados ao meu dinheiro. Respondi á este aviso com o sorrir de quem sabe o que faz, e como procede. Que me importão suspeitas vãs?. a *visão do bem* me dá a certeza, de que Esmeralda preferiria morrer de fome á tomar para compra de seu pão a menor das quantias dadas pelos subscriptores beneficentes.

Juro que o meu dinheiro foi religiosamente empregado em soccorro da miseria, e da orphandade.

XIV

Ha oito dias que voltei pela decima vez á casa do velho Nunes, meu bom amigo, e ditoso pai da Nicota.

Erão onze horas da manhã o ,velho es-

tava fóra, tratando dos seus negocios ; mas a espoza e a filha me receberão com os corações abertos.

A' nossa conversação para mim muito agradável prolongara-se até uma hora da tarde, quando entrou o velho Nunes apressado, e evidentemente dominado por dolorosa commoção. Comprimetou-me, fallou em segredo a dona Eduvirges, e sahio de novo sem despedir-se, e muito afflicto.

Dona Eduvirges ficára com os olhos razos de lagrimas, e Nicota olhava para a mãe com expressão de tanta ternura, que tambem quasi me fez chorar.

— Que ha ? perguntei ; um amigo tem o direito de saber o motivo da afflicção da familia, que verdadeiramente estima : sobreveio algum infortunio ? qual é ?

— Irremediavel! exclamou dona Eduvirges.

— A morte de algum parente ?

— Não.

— Pois irremediavel, minha senhora ; só conheço a morte.

— Oh! é um deposito de dez contos de

réis, que meu marido deve e não póde entregar hoje.

— Hoje ?

— E sabe o que elle me disse? disse-me que é a casa de correcção que o espera, e cujas portas vão se fechar sobre elle !. em poucos dias Nunes terá esse dinheiro e muito mais ; hoje porém bateo já debalde a todas as portas !. é a deshonra que o espera, e que o vai matar !.

Nicota desfazia-se em pranto e soluços.

Immediatamente o velho Nunes voltou de novo pallido e desfigurado, e apoz elle um homem, e mais dous, que exigião a entrega do deposito.

A dor da familia foi immensa ; no meio porém daquella dor de esposa e de filha, e sobretudo, contemplando as lagrimas da bella Nicota, tive, gozei suavissimo prazer.

Eu nem sabia que gozava tanto credito no Rio de Janeiro ; bastarão porém algumas palavras pronunciadas por mim para transformar toda aquella tempestade rasgada em perfeita bonança.

Para resumir a historia : assignei como sacador e endossante uma letra de dez contos de réis que devia vencer-se no prazo de trinta dias.

O velho Nunes jurou-me, sem que eu lhe pedisse juramento, que antes de quinze dias teria elle pago essa divida, que então se tornára em dobro divida de honra para sua consciencia.

O bom amigo abraçou-me ; dona Eduvirges me offereceu a mão que eu beijei respeitadamente, e Nicota me apresentou a fronte candida, na qual toquei com a ponta dos meus labios.

Tanta gratidão por duas assignaturas! tanto reconhecimento pelo saque e pelo endosso de uma letra, que o velho Nunes pagará em quinze dias !

Que familia de anjos !

Eu nunca me senti tão feliz, como nesse dia.

Fiquei para jantar com aquella boa e santa gente.

A' meza do jantar bebi vinho no mesmo

copo em que Nicota, sentada á um lado, apenas molhara os labios : foi ella que trocou os nossos calices, e seus pais não virão essa travessura, ou meiguice de moça innocente.

Como achei saboroso, e excellente o vinho! pareceu-me sentir nelle a delicia de um beijo de Nicota.

Bebi sómente um calix de vinho : aquelle que Nicota divisára com o contacto da sua boca mimosa.

Se eu bebesse mais, ou de outro vinho teria sido sacrilego.

Sahi da casa do velho Nunes, como um rei sahe do templo, onde acaba de celebrar-se o acto da sua sagração.

XV.

Graças á intervenção de pessoa competente, foi-me concedido, a poucos dias, o visitar a Casa de Correcção : vi e apreciei tudo, e tudo alli me pareceu levado ao ultimo apuro da perfeição.

O systema administrativo do estabeleci-

mento, a secretaria e livros de escrituração, as obras que se fazem, as disposições internas e até o local da casa, o methodo penitenciario adoptado, a alimentação e tratamento dos presos, o zelo dos empregados enlevarão-me os sentidos.

Eu estava cheio de admiração, vendo e applaudindo a sabedoria e a solicitude do governo do meu paiz naquella grande penitenciaria, quando me levárão à correr as officinas onde trabalhavão os condemnados.

A' principio contemplei satisfeito o aspecto das officinas, a excellencia das obras que se executavão e sobre tudo a importancia moral do trabalho, do trabalho, cujo habito regenerará os criminosos, fazendo de nocivos que erão, homens uteis á sociedade aquelles desgraçados.

Mas logo depois examinando com a minha luneta e pela *visão do bem* um por um todos os condemnados, horrorisei-me da cegueira, da ignorancia, ou da perversidade da justiça publica, dos tribunaes, e dos juizes.

Será incrível; mas é verdade: não ha um só daquelles infelizes condemnados que não seja innocente dos crimes que lhes imputão, e todos elles, todos sem excepção, se distinguem por virtudes raras e pela moralidade mais exemplar!.

Eu estava convulso, irritado, accezo em furia: veio-me a idea soltar um brado de revolta, excitar as pobres victimas á resistencia, ás armas, e a vingança; lembrei-me porem á tempo dos soldados que guardavão o estabelecimento e fugi das officinas precipitadamente e bramindo de colera.

Voltava para casa dominado por pensamentos perigosos, e revolucionarios, e desejoso de uma profunda transformação social, que acabasse com os algozes, e salvasse as victimas; mas de subito parei: a casualidadê me mostrava um gruppo de cinco homens, conversando alegremente na rua, onde acabavão de encontrar-se: conheci a todos cinco: tres erão desembargadores, e dous erão juizes de direito, portanto presidentes de jury: simples applicadores da

lei, ou fiscalisadores das nullidades, e das regras legais dos processos, erão contudo magistrados, e tendo contribuido para a condemnação e tormentos de tantos innocentes, os monstros ainda podião conversar com alegria!

Fitei sobre elles a *luneta magica*, estudando-os um por um para inteirar-me de todos os instinctos ferozes occultos em seus corações de tigres.

E cinco vezes cahi das nuvens e fiquei adoudado na terra.

Todos esses cinco magistrados são sabios, integros, justiceiros, escrupulosos e até aquelle momento nenhum delles tinha jamais contribuido para uma só condemnação injusta, nem lavrado sentença nem dado o mais simples despacho que não fossem inspirados pela sabedoria, e bazeados na lei.

A minha confusão não poudê ser maior: os condemnados erão innocentes, os condemnadores tinhão sentenciado com acerto: a contradicção tornara-se pois evidente!

Como explicar a contradicção?

Uma de duas :

Ou provas fortissimas, porem de falsidade infelmente não conhecida, tihão, condemnando os réos, justificado os juizes :

Ou a minha *luneta magica* mentia, enganava-me com a *visão do bem*.

E' claro que adoptei logo a primeira hypothese.

Cumpre-me dizer, que ainda assim reflecti um pouco sobre o caso.

Com effeito a mocidade inexperiente é credula de mais, e deixando-se levar pelas apparencias, dando fé as palavras de quem jura, sensibilizando-se diante do infortunio, facil em tomar o partido de quem chora e soffre, vendo em todos e em tudo o rizo e o bem, por que ella é rizonha e boa, deixa-se illudir e erra, presumindo ou julgando encontrar a virtude e a innocencia, onde mil vezes só existe vicio e crime.

Mas estas reflexões não tem cabimento no caso de que me occupava ; porque eu vi, e reconheci perfeitamente pela minha *luneta magica* a innocencia e a pureza de todos

os condemnados da Casa de Correccão, embora eu visse e reconhecesse tambem logo depois o direito e a justiça que determinão suas condemnações.

Confesso que esta apparente contradicção confundio me ; já porem a expliquei sem quebra da confiança que deposito na *visão do bem* que tenho pela minha *luneta magica*.

XVI.

Um joven da minha idade, grande coração, e alma candida, Damião chama-se elle, excellente amigo, com quem me relacionei na casa de Esmeralda, levou-me antehontem por curiosidade minha, e á despeito das suas judiciosas observações, á uma casa, onde jogão o *tasquet* tres vezes por semana cavalleiros da mais fina educação.

O dono da casa é casado com uma senhora amabilissima que toca piano como *Hertz*, e tem uma cunhada na primavera dos annos, que possui sorprendente voz de contralto canta como a *Stoltz*, e é facei-

ra, e linda; o seu nome é Herminia, e não posso esquece-lo mais; porque ella é a trigesima quarta senhora, por quem me sinto perdido de amor, e que me tributa igual sentimento.

Ninguem me censure por este musulmanismo de amor platónico: sou escravo da *visão do bem* e amo sem querer amar.

Aproveitei duas horas deliciosas ouvindo tocar e cantar; todos porem jogavão, Damião m'o fez notar, aconselhando-me que sahisse ou jogasse.

Compreendi que o dever da cortezia me ordenava entrar no jogo.

Joguei pois e ganhei á principio; mas em breve a fortuna mudou e perdi não só quanto ganhara, como todo dinheiro que na carteira levava.

Consolei-me do prejuizo, observando que o meu amigo Damião fora de todos o que mais lucrara com as minhas perdas, que se elevárão á quinhentos mil réis.

Quando não tive mais dinheiro para perder, deixei o jogo, e como as senhoras já

se haviam recolhido, sahi, e sahio comigo um outro jogador infeliz, que deixára aos carteadores do *lasquet* o duplo do que me custára a minha curiosidade.

— São gatunos, arranjadores de maço, são refinados ladrões ! disse-me elle.

— Para que tal suspeita ? respondi : queixemo-nos da fortuna adversa : eu observei e estudei com escrupuloso cuidado todos aquelles jogadores, e posso assegurar que são homens honrados, e que jogarão com exemplar lisura, e nem o meu amigo Damião seria capaz de trazer-me á uma casa que não fosse muito moralizada e honesta.

— Damião ? ! ! ! ora é boa ! esse é conhecido como trapaceiro e gatuno de profissão.

Corarão-me as faces, e irritado perguntei :

— Em tal caso como se explica a sua condescendencia, jogando com semelhante homem ?

— Tem razão ; tornou-me elle ; tem mil vezes razão ; mas elles sabem attrahir e endoudecer os mancebos inexperientes, como

nós com a paixão do jogo que é fatal, e com os bellosolhos dessas duas serêas, que uma toca, outra canta, e ambas servem ao vicio.

— Que está dizendo ? que columnia !.
duas senhoras pudicas, recatadas !

O meu companheiro de infelicidade ao jogo desatou estrepitosa gargalhada, e depois exclamou sem abaixar a voz :

— O senhor é ainda mais simples do que eu ! tenha cuidado.

— A espoza, e a cunhada.

— Não ha espoza, nem cunhada, fique-o sabendo, e não torne mais á esta casa maldita. Essas duas mulheres são tambem cartas do jogo aladroadado, são damas dos baralhos do *lasquet*, e ganhão sua quota ou porcentagem do *barato* que rende o jogo em cada noute, alem dos lucros das conquistas que fazem, namorando os tollos como eu.

E assim dizendo, o jogador infeliz retirou-se apressado.

Eu tambem encaminhei-me para a minha casa, meditando sobre a injustiça dos homens.

Aquelle jogador irritado pelos prejuizos que tivera, não hesitára em calumniar os preclarissimos cavalleiros com quem acabava de jogar, e duas jovens senhoras, typos de delicadesa, de fina educação, e de virtudes sem mancha, conforme eu as vi, amei, e adorei pela *visão do bem*.

No jogo alguém havia de perder, e alguém havia de ganhar.

Chamar ladrão e gatuno, á quem ganha no jogo, é desconhecer as condições, a fortuna, as eventualidades do jogo.

Deste modo e com juisos taes não ha innocencia, nem probidade, que escape aos aleives do jogador infeliz.

Ainda bem que eu perdi. Estou livre de qualquer suspeita injuriosa, e nunca mais em minha vida tornarei a jogar.

Mas o que em summa, e em caso algum admitto é que os botes da calumnia cheguem até os anjos.

Herminia e sua irmã são duas flôres, principalmente Herminia, é uma flôr, um botão de rosa do paraíso.

XVII

Hontem achei a prima Annica pensativa e triste : á meza do almoço olhava-me melancólica, e como que levemente resentida do meu proceder : por duas vezes parecerão-me os seus olhos nadando em mal contidas lagrimas.

Sahi de casa magoado, triste, e convencido de que eu era cruel, que não sabia apreciar o merecimento de Annica.

Compreendi que me era preciso consola-la : é tão facil consolar a pobre donzella que ama ! basta um signal que dê testemunho de lembrança, uma flôr que indique amoroso sentimento.

Eu tenho os meus direitos de primo e de convivencia de familia ; resolvi-me pois á levar nesse mesmo dia a Annica um mimo delicado e agradavel á innocente vaidade de seu sexo.

Impellido por essa idéa dirigi-me á rua do Ouvidor, e empreguei quatro horas nas casas de joalheiros e de modas á procurar debalde

uma joia ou um enfeite de bom gosto para levar de presente a minha querida prima.

Procurei debalde não que deixasse de encontrar algum objecto que me agradasse ; mas porque todos quantos vi e examinei com a luneta magica me agradação tanto, me parecerão tão igualmente bonitos e mimosos que não me foi possível determinar a preferencia.

Ninguem pode conceber que extravagante, pueril, ridicula, mas indeclinavel e imperiosa luta se travou em meu espirito ! á principio chegei á rir-me de mim mesmo, depois irritei-me e por fim desesperei ! se me decidia á comprar uma pulseira, a lembrança de uns brincos que antes examinára destruía-me a decisão ; se um cinto com primorosa fivella estava quasi á passar para as minhas mãos, a imagem de um faceiro relógio fazia recuar o cinto ; entre uma linda caixinha guarda-joias e um formozo album de retratos eu vacillava, como sobre tudo mais e nada decidia, e nada decidi ! em uma palavra, quiz e não pude preferir, quiz e não pude comprar objecto algum ! ..

Senti-me ridiculo, escravo inexplicavel, inconcebivel da irresolução mais insensata : a minha razão me aconselhava comprar qualquer daquelles objectos que me haviam parecido igualmente bonitos ; mas que querem ? . não sei explicar o phenomeno ; mas foi-me impossivel escolher um entre todos, porque a escolha dependia de preferencia.

Reconheci então e pela primeira vez que eu era o ludibrio da *visão do bem*.

Voltei para casa afflicto, e aborrecido de mim proprio ; porque não pudera trazer um mimo para a prima Annica.

Recolhi-me ao meu quarto e reflectindo sobre o que se passára comigo nos ultimos dias, experimentei pungente dor ; porque comecei á arreceiar-me das consequencias da *visão do bem*, e a nutrir algumas apprehensões sobre o estado das minhas faculdades mentaes.

Oh ! não ha sabedoria de homem que possa comparar-se com a sabedoria do armenio.

O armenio me avizou e não mentio.
A *visão do bem* pode fazer mal.

XVIII.

Ainda um outro mez, e neste o mel mudado em fel, a alegria em tristeza, a bonança em tempestade.

A' medida que os dias se ião passando, a *visão do bem* se tornava mais imponente, absoluta, e desastrada.

Ao levantar-me da cama de manhã, ou tendo á qualquer hora de vestir-me para sair, era-me indispensavel deixar de lado a minha luneta ; porque se com ella tentava escolher as vestes, achava todas preferiveis, e não sabia mais como vestir-me.

A' meza era-me preciso comer ás cegas do que me quizessem servir ; porque se com a luneta examinava as diversas iguarias, não sabia mais por qual dellas começar, accezo em paixão gulosa por todas ellas.

Nos sarãos á que eu hia, ou não dançava, ou pedia os meus pares sem consci-

encia, e expondo-me á ridiculos pedidos, dirigindo-me ás vezes á senhoras, cuja idade não autorisava mais a dança, e isso porque, se eu contemplava as jovens presentes ao baile com a minha luneta, por todas ellas me enlevava e me perdia, e a nenhuma era-me possível dirigir-me em primeiro lugar.

E' certo que durante tres minutos a *luneta magica* só me offerecia a *visão das apparencias*, e que eu devera não ir alem desse espaço que era sem perigo; desde que porem eu fixava a *luneta* uma força sobrenatural, superior á minha vontade, mais forte que a minha reflexão e consciencia a grudava, a prendia á orbita até que a *visão do bem* me transportava, tornando-me escravo da admiração por attributos e dotes sempre fascinadores.

Era o *bem* mais malefico que se pode imaginar !

Ou porque o tormento que se está experimentando sempre se affigura mais cruel do que o tormento que já se experimentou e passou, ou porque realmente eu soffria mais

do que havia soffrido, a *visão do bem* chegou a parecer-me peor, mais funesta, do que a *visão do mal*.

A *visão do bem* realisava em mim o martyrio de Tantaló.

Eu vivia mergulhado no *bem* e não podia gozar, desfructar o *bem*.

Eu estava com os olhos no ceo e com o coração prezo no inferno.

XIX.

Um dia tive dezejos de possuir um bom cavallo de passeio: fallei nisso á Damião, que em breves horas me levou á um negociante que dizia ter os melhores ginetes, e que me apresentou um com as recommendações mais entusiasticas.

Examinei o animal, e achei-o formosissimo: o negociante asseverou-me e jurou que o cavallo era leão pela soberbia, ovelha pela mansidão, camelo pela paciencia, aguia pela velocidade.

Comprei carissimo o singular e maravi-

lhoso cavallo, e mandei-o recolher á uma cocheira.

No dia seguinte quiz experimentar o meu ginete, e o dono da cocheira se oppoz á isso, informando-mé que o pobre animal era cego, e aberto dos peitos.

Revoltei-me contra o abuzo de confiança, de que eu fora victima, e fixando a minha *luneta magica*, examinei de novo o cavallo, e reconheci que elle havia cegado de subito e de subito adoecido na noute que ultima passára, conservando ainda assim todos os sublimes dotes, que o vendedor exaltára.

Carreguei com o prejuizo ; mas em todo cazo honrando o testemunho leal, verdadeiro, consciencioso do negociante de cavallos.

XX.

Vi-me constantemente cercado de amigos, em quem applaudi e venerei virtudes exemplares : paguei-lhes jantares e cêas, e a quase todos emprestei dinheiro, que não me

restituirão somente porque a fortuna lhes correu adversa.

Paguei flores, coroas e ovações em honra de actrizes dos diversos theatros, todas ellas artistas de merecimento sorprendente, e de um proceder illibado, que só os calumniadores, e os perversos punhão em duvida, e recebi em compensação de quantas despesas fiz pela glorificação da arte, sorrisos e votos de eterna gratidão que em seus camarins onde as fui enthuziasmado cumprimentar, me renderão essas sublimes interpretes das sublimes creações dos nossos autores dramaticos, que a minha *luneta magica* me mostrou pela *visão do bem* enriquecidos pelo seu trabalho, altamente honorificados pelo governo, e endeosados pelo povo.

Joguei na praça associando-me com um inglez, que é, pelo que me informou e esclareceu a *visão do bem*, o homem mais probo do mundo ; mas as vacillações e subidas e descidas dos fundos publicos e accções dos bancos e de companhias forão taes, que eu perdi alguns contos de réis e

o meu socio inglez ganhou o dobro do meu prejuizo, o que ainda a minha razão não comprehendeu ; mas que a *visão do bem* elucidou perfeitamente, resplendendo os merecidos creditos de probidade e inteireza do nobre subdito de S. M. Britanica.

A *visão do bem* impellio-me ainda á muitos outros actos, de que me desvaneço, mas que me custarão caro.

Contribui, subscrevi não sei para quantas liberdades de escravos, obras pias, dotes de donzellas orphãs, instituições philantropicas, beneficios theatraes em favor de cegos e aleijados, soccorros para indigencia e nem me lembra que mais ; Damião, a Esmeralda e vinte outras amaveis ou respeitaveis pessoas apresentarão-me as subscrições, e receberão-me as quantias com que contribui para todas essas obras de caridade, e estou certo de que o meu dinheiro foi muito bem empregado ; porque a *visão do bem* m'o assegura.

Mas na ultima quinzena deste mez, de que dou conta, tem sobrevindo factos, e tenho ouvido apreciações terriveis que me

provão, que ou fui victima dos mais perfidos enganos, e perversos abuzos de confiança, ou a calunnia, e a maldade dos homens, que aliás reputo purissimos vão além de todos os limites.

XVI.

Alheio aos negocios e não conhecendo bem o valor do dinheiro ; porque em consequencia da minha duplice myopia, myopia moral e physica, meu irmão, como já tenho dito por vezes tomou conta da minha fortuna, e sabiamente a dirigio, eu nestes ultimos mez e meio despendi talvez sem cuidado nem medida, deixando-me dirigir pela *visão do bem*.

Deste erro, se foi erro, não tenho mais desculpa na myopia moral ; porque desde que recebi as lições da *visão do mal* o meu espirito se esclareceu e tive consciencia de que sabia e podia comprehender as cousas e reflectir sobre ellas ; ao menos porém eu acho excusa no abandono da minha educação em materia de economia. Como não me era

possível gastar, não me ensinarão a guardar, e em resultado quando pude ver e desejar, despendi sem me importar com a conta das sommas que despendia.

Creio firmemente que tenho despendido muito bem; mas é certo que o mano Americo logo na primeira quinzena do mez ultimo observou-me com doçura que eu estava gastando despropositadamente.

A *visão do bem* fez-me então ver, que o mano Americo assim me fallára sómente pelo escrupulo com que zela a minha fortuna; confesso porém que me senti acanhado, e que experimentei verdadeira difficuldade de pedir mais dinheiro á meu irmão.

Eu já contava tantos e tão excellentes amigos que não hesitei em confiar á um delles os embarços da minha situação.

— Ha recurso facil; respondeu-me esse fidus Achates; levo-te á um escrupuloso negociante que te emprestará todas as quantias de que precisares.

E com effeito conduziu-me á casa do mais nobre, benefico, e generoso capitalista, que

me foi emprestando dinheiros á juros de tres por cento ao mez, e assignando eu lettras garantidoras das dividas.

O processo me pareceu commodissimo ; porque eu obtinha por meio d'elle e com extraordinaria facilidade tanto dinheiro, quanto me julgava necessario.

A minha vida economica deslizava-se pois placida e suavemente, e a *visão do bem* a abençoava, insinuando-me, que eu empregava santamente, e acertadamente algumas migalhas da minha inexgotavel riqueza.

E fui vivendo assim até que em um dia rebentou a primeira bomba de uma girandola de loucuras, conforme a chamou o mano Americo.

Eu fiquei então estupefacto.

XXII.

O caso foi o mais simples de todos os casos, ao menos pelo que me pareceu.

Vencido o prazo da letra aceita pelo velho Nunes, e que eu assignei como endossante

e sacador, não tendo ido o aceitante paga-la, veio pessoa competente exigir de mim o pagamento.

Eu estava em casa e também o mano Americo que tomando o documento e vendo a minha assignatura, encrespou as sobrelhas escreveu sem hesitar uma ordem para immediatamente ser paga e remida a letra não sei, nem me importa saber como e por quem.

Ficamos sós.

— Innocencio, disse-me o mano Americo de máo humor; acabas de ser victima de um velhaco.

— Velhaco? não o creio.

— O Nunes? todos o conhecem.

— Melhor o conheço eu.

— Como?

— Estudei-o perfeitamente por meio da minha *luneta magica* que me dá a *visão do bem*. O velho Nunes é um typo de probidade.

Americo olhou-me com a mais triste compaixão, e tornou-me :

— Dez contos de réis ! Deos permitta que

não seja esta a primeira bomba de alguma girandola de loucuras.

E tomando o chapéo, sahiu apressado e como que abysmado em mar de negras apprehensões.

Eu estava espantado.

Para mim não havia nada mais natural, do que o velho Nunes não ter conseguido obter dez contos de réis no prazo fatal, e consequentemente pagar eu por elle.

Ninguém seria capaz de convencer-me de que o velho Nunes deixaria de pagar-me os dez contos de réis que eu apenas adiantara.

Era questão de tempo, demora de alguns dias ou de breves semanas.

A *visão do bem* não me enganava: o meu amigo Nunes é rigido como Catão, probo como a probidade mais austera.

E além de tudo isso, não é elle o feliz pai da formosa Nicota?

XXIII.

Quando meu irmão entrou para jantar,

tinha eu a luneta fixada, e quasi o desconheci, tão descomposta pela colera estava a sua phisionomia.

— Quebra essa luneta ! exclamou furioso e com voz de trovão.

Elle avançava sobre mim ; mas eu escondi no seio a luneta, e a tia Domingas e a prima Annica vierão correndo em meu soccorro.

— Que é isto ? perguntou a primeira assustada.

— E' este doudo, este phrenetico esbanjador, que em menos de dous mezes atirou ao meio da rua trinta e dous contos de réis !

— Misericordia ! exclamou a tia Domingas.

— E' possível ? disse Annica, perguntando-me.

O mano Americo tremulo e agitado arrancou do bolso uma duzia de *letras* aceitas por mim e que elle acabava de resgatar, pagando o principal e premios ao meu honradissimo banqueiro, e mostrou-as ás duas senhoras.

— Eis ahi como este louco obtinha dinheiro para desastradamente esbanjar, fazendo avultados empréstimos á quantos velhacos

quizerão abuzar da sua mania, jogando e deixando-se roubar no jogo, pagando jantares e cêas á cem desfructadores, que riem-se delle, assignando centenas de mil réis em falsas subscripções para obras pias, e, o que é mais, entregando enormes sommas a uma mulher despresivel, á cujos pés o idiota se ajoelha, adorando-a, como anjo de caridade !

A tia Domingas e a prima Annica pronunciarão-se violentamente contra mim, e com o mano Americo cantarão-me o mais horroroso terceto.

Conservei-me silencioso e immovel ; mas tremendo pela minha *luneta magica*.

— E eu que não vi, que não adivinhei, que não comprehendí o que se foi passando e naturalmente devia passar-se nestes dous mezes !!! a bomba dos dez contos despertou-me hoje, sahi, procurei informações; todos sabem, e sómente nós ignoravamos, todos me indicarão o usurario que empresta dinheiro, e o exercito de bargantes que depennão este imbecil !. todos zombão delle, e devem zombar ; porque o nescio esbanjou em menos

de dous mezes a terça parte pelo menos da fortuna que possuia !

Meu irmão tinha-me insultado tanto, que não pude mais conter-me e respondi-lhe :

— Ainda bem que foi da minha fortuna o dinheiro que despendi : já tenho idade bastante para empregar o meu dinheiro, como entendo, e sem pedir licença nem dar contas a alguém.

O terceto rebentou de novo e uma chuva de improperios e de maldições cahio sobre mim.

— Idade ! exclamou emfim o mano Americo, dominando as outras duas vozes : os nescios, os idiotas não tem idade, e aos idiotas e dissipadores nomea-se um curador !

— E' o que cumpre requerer immediatamente ; bradou a tia Domingas.

— O mais acertado é não deixar o primo sahir á rua ; observou Annica.

— Tudo isso se fará ; mas o essencial é quebrarmos-lhe já a *maldita luneta* ; disse Americo.

— Não ; acudio Annica : trancado em casa pôde bem conservar a luneta para ver e apreciar os parentes que o não enganão.

— Nada de concessões ! gritou meu irmão.

Eu tive medo : olhei em torno de mim e nada vi ; porque estava sem luneta, lembrou-me porém o gabinete do mano Americo, e de improviso corri para elle, tranquei-me por dentro, e com tanta precepitação que dando volta a chave, esta sahio da feixadura, e foi cahir á alguns passos longe da porta.

XXIV

A borrasca ribombava sempre e incessante na sala e eu era de continuo fulminado pelos raios de tres coleras um delirio : doestos, injurias, aleives, pragas, insultuoso ridiculo, tudo me lançavão com furor. Tres odios á fallar não fallarião mais venenosamente, tres linguas-punhaes á ferir não feririão mais profundamente.

O meu resentimento dissipou o medo que me abatera o espirito : veio-me a vontade de examinar esses tres semblantes desfigurados pelos sentimentos mais vis.

Fixei a minha *luneta magica*, olhei pela

abertura que deixara a chave cahida da fechadura, e estudei os meus odientos parentes : apreciei primeiro olhos e faces que se abrazavão no fogo da ira, labios convulsos, gesticulações ameaçadoras, e logo depois que pureza de intenções e que santidade de designios ' meu irmão, minha tia, e a prima Annica, se mostrarão taes quaes realmente são, tres cherubins, então radiantes de fogo não de colera, mas de verdadeiro amor, de sublime interesse por mim ! estavam afflic-tissimos e em dolorosa agitação ; porque me suppunhão perdido no erro, e ludibrio de malandrins. O erro era dos meus tres parentes e meu o acerto ; mas as intenções delles indisputavelmente erão nobres, leaes, desinteressadas, angelicas.

No meio porém dessas intenções veneraveis descobri firme e inhabalavel no animo de meu irmão a de quebrar a minha *luneta magica*, e embora eu reconhecesse e reconheça a piedade dessa intenção, não pude com ella conformar-me : abençoei meu irmão, minha

tia, e a prima Annica; mas tomei á peito salvar á todo trance a minha *luneta magica*.

Eu estava vestido decentemente para sahir á rua, sò me faltava chapéo para a cabeça e porta franca para a retirada.

Com o auxilio da luneta achei no gabinete um chapéo do mano Americo, que me servia muito nas circumstancias em que me achava embora estivesse um pouco uzado.

Faltava-me a porta para sahida sem opposição; mas o gabinete abria uma janella para rua: o caso era grave, e exigente: não havia recurso, e havia risco na demora da resolução: ha tanta gente que de dia claro, e com sol fôra se presta a entrar pelas janellas em vez de entrar pelas portas, que não me pareceu anormal nem escandaloso no Brasil sahir por onde se entra de ordinario para ás mais altas posições do Estado.

Assim pois subi á janella do gabinete, e saltei na rua: ouvi gargalhadas, e não dei attenção á ellas: apressei os passos, quasi que corri, emfim afastei-me apressado da casa

da minha familia, como um prezo, que se escapa e foge da cadêa.

XXIV

Quando me achei longe de casa e me suppuz livre, por algum tempo ao menos, da generosa perseguição da minha familia, instinctivamente procurei a *luneta magica*. e senti inexpremivel prazer, tirando-a do seio : em seguida apalpei o bolso do paletot, e consolei-me encontrando nelle a carteira, onde eu tinha ainda de reserva alguns centos de mil réis.

Duplamente satisfeito, experimentei logo uma exigencia da minha natureza animal que as recentes emoções haviam feito calar, mas que de novo fallava com dobrada força: tive fome, e dirigindo-me á um dos nossos melhores hoteis, tomei sala para dormir, e mandei que me servissem o jantar.

Como é grandioso, sublime o sentimento da amizade, quando prompto corre a cercar o amigo cahido na adversidade !

Apenas sentei-me para jantar, vi-me de subito cercado por Damião e mais seis outros mancebos que me erão dedicados, e se tinham apressado á vir em meu auxilio, e a offerecer-me os seus serviços, pois que a cidade toda já sabia, o que comigo acabava de passar-se.

Com lagrimas de reconhecimento agradeção doce demonstração de interesse e de estima, e convidei a esses excellentes amigos para jantar comigo.

Que duas horas gozamos! a nossa mesa foi successivamente servida das mais delicadas iguarias, e dos vinhos mais generosos, que deliciosamente nos prenderão juntos até o anoutecer.

Acabado o jantar, declarei com franqueza que precisava descansar e immediatamente os meus optimos amigos deixarão-me só, retirando-se á rir não sei mesmo de que.

Ilia recolher-me, quando me appareceu o dono do hotel ou chefe da casa, á quem eu já perfeitamente conhecia e estimava, como homem de verdade, singeleza e consciencia.

— Senhor Simplicio, disse-me elle ; eu devo prevenir a V. S. de que esses sujeitos que d'aqui sahirão, são todos parasitas de profissão, e exploradores da inexperiencia ; o senhor deu-lhes um jantar, que lhe custa cento e trinta mil réis, e elles descerão a escada a rir descompassadamente da sua boa fé, a que ousarão dar outro nome que não me animo a repetir.

Fixei a minha *luneta magica* sobre o homem que me fallava, e com espanto meu a *visão do bem* me fez reconhecer que elle dizia sempre e ainda desta vez a verdade ; mas a *visão do bem* ainda tambem á mesa do jantar me mostrara como prototypos de amigos fleis e dedicadissimos os sete mancebos que acabão de retirar-se ! . . .

Fiquei suspenso, perplexo, indeciso, triste e aborrecido.

Paguei o jantar ; fui deitar-me, e ou pela fadiga resultante das fortes emoções, porque naquelle dia passára, ou pela mistura dos vinhos que bebera sem duvida menos sobria-

mente do que costumo, adormeci logo, cahindo em profundo somno.

Despertei as duas horas da madrugada, e á meu despeito, velei até o amanhecer.

Revolvia-me na cama, contra mim próprio excitado ; porque não queria reflectir sobre á minha situação ; mas reflectia.

Cerrava os olhos para dormir ; mas o espirito velava.

Chamava em meu soccorro a imaginação que por momentos perturbava com illusões forçadas a serie de graves reflexões ; mas em breve a imaginação se apagava, e as frias reflexões se impunhão.

A' força, á meu despeito embora, não dormi e reflecti.

Evidentemente eu tinha despendido muito em mez e meio. mais de quinhentos mil réis por dia. tres vezes mais do que a renda annual da minha fortuna, segundo os calculos de meu honradissimo irmão.

Tão avultada despeza, (que eu estou certo que empreguei com proveito da humanidade), sem duvida, conforme os costumes e o modo

de ver da sociedade egoista, e dos homens da lei que não julgão pelo coração nem pelo Evangelho, será explicada, recebida e sentenciada como dissipação, e por consequencia, e até por amor da minha pessoa me darão um curador !

A *visão do mal* me expoz á ser trancado por doudo no hospicio de Pedro II : a *visão do bem* expõe-me a ser declarado nescio, ou idiota, ou por muito favor apenas dissipador da minha fortuna, e como tal confiado, entregue absolutamente ao dominio de um *curador*, de um dono e arbitro da minha pessoa, de um senhor de quem serei quasi escravo !

Pela *visão do mal* ou pela *visão do bem*, pelo odio ou pelo amor da humanidade, pelo juizo máo á respeito de todos ou pelo juizo bom á respeito de todos as duas *lunetas mágicas* levarão-me ao mesmo perigo, ao mesmo fim, á mesma calamidade.

Uma : a primeira me fez passar por doudo: outra, a segunda, me faz passar por nescio!

doudo ou nescio, não escolho; porque a consequencia é a mesma.

O meu *curador* será provavelmente o *mano Americo*, que concebeu e já manifestou a horrivel idéa de quebrar a minha *luneta magica*.

Portanto querem condemnar-me a *myopia* perpetua, *myopia* que para mim é a cegueira, é a morte no seio da vida !

Desejo, tenho o direito de desejar ver, que é viver, e não querem permittir que eu viva, não me permittindo que eu veja !.

Não ! não ! e não !

Heide até o extremo defender a minha *luneta magica*.

E' certo que comêço a conceber algumas desconfianças em relação ao acerto e a infalibilidade das revelações da *visão do bem*.

As contradicções que notei entre a innocencia dos condemnados da casa de correção e as sentenças sempre justas dos magistrados, e entre os sentimentos dos amigos que hontem jantarão comigo, e os avisos leaes e cheios de verdade do dono do hotel

desacreditação em pouco no meu conceito a *visão do bem*.

Se a *visão do bem* fosse o apólogo vivo, a expressão real da inexperiencia ; se pela *visão do bem* eu me tenho tornado o escarneo dos parasitas, o ludribio dos trapaceiros, a zombaria de todos, o objecto da mofa e do ridiculo do povo. ah ! eu preferia ter sido fulminado por um raio.

O ridiculo !. o ridiculo é a queda no charco ; é o aviltamento sem compaixão ; é o pelourinho mil vezes peor que o patibulo ; é o azorrague mais cruel que a guillotina ; é a morte pelo desprezo.

Quero antes a perseguição do odio, do que o acompanhamento do ridiculo.

E dizem que riem-se de mim. que me apontão, como estúpida victima de homens sem consciencia, e de uma mulher sem brio, e sem coração.

Eu sei, e sinto, eu tenho consciencia de que tudo isso é falso ; mas riem-se de mim !.

Que heide fazer ?. nem sei : quebrar a

minha *luneta magica*, origem e causa de todas estas torturas do espirito?... não ; menos isso.

O erro dos homens é patente : quem vive e procede com acerto, sou eu.

Resistirei pois aos homens, e me deixarei matar, defendendo a minha *luneta magica* que meu irmão condemnou.

Eu reflectia assim, e tinha já esquecido as horas e o empenho de escapar as reflexões, dormindo, quando a aurora principiou a espansar as trevas, e as auras matinaes, refrescando o meu cerebro, me aditarão de novo e insensivelmente com o mais tranquillo e suave somno.

XXV

Levantei-me as dez horas da manhã, e tinha acabado de almoçar, ouvindo o signal de meio dia.

Disponha-me a sahir ; mas vi entrar o meu amigo *Reis*, que vinha de proposito visitar-me.

No *Reis* depositava eu e deposito confiança sem limites. Ou todos o julgão pela *visão do*

bem da minha *luneta mágica*, ou se eu me engano no juízo que faço do *Reis*, todos se enganão comigo.

Recebi o amigo *Reis*, como um cego, a quem se annuncia o primeiro raio de luz, e com elle a vida pelos olhos.

Apertamos as mãos, e nos sentamos um ao lado do outro.

— Temos soffrido muito ambos, e pelo mesmo erro ; disse-me o *Reis*,

— Como ?

— Eu errei, deixando-o entregar-se á um pretendido mágico ; o senhor errou acreditando exageradamente nelle.

— Mas se eu vejo !!!

— E' porque elle conhece e esconde o segredo de elevar a maior, a mais alto, e ainda não calculado gráo os vidros concavos destinados a corrigir a myopia; tudo mais que elle emprega é delicadissimo artificio de charlatanismo para excitar e inflamar a imaginação.

— A sua descrença é um erro.

— A minha tolerancia é que tem sido

erro : a noticia que imprudentemente fez publicar na imprensa diaria da côrte, e a fama da sua nova luneta derão causa a que meu armazem seja com frequencia procurado por pretendentes á instrumentos magicos de optica, soffrendo eu perseguições e desgostos, que mal pôde calcular : isso porém é o menos.

— Que é então o mais ?

— A situação em que se acha.

— Que pensa ?

— Ouça-me com paciencia : a sua pretendida *visão do bem* o tornou alvo das zombarias e do ridiculo.

— Do ridiculo ? ! ! !

— Não ha vadio, nem trapaceiro que não tenha abuzado da sua boa fé : o senhor apparece em publico associado e convivendo com as celebridades mais immoraes e despreziveis da cidade.

— Que me está dizendo ?

— A verdade: todas as senhoras conhecem ja a sua mania de se suppor amado por ellas sem excepção de uma só, e de amar igualmente a todas, e isso as diverte de modo

tal, que nenhuma o vê que não precise de grande esforço para conter o rizo.

— O rizo !..

— Emfim o senhor é o divertimento de muitos, e o objecto da compaixão dos homens graves, que acreditão indispensavel que sua familia o sujeite a mais zelosa curadoria.

Senti que succumbia ao pezo do meu infortunio.

O amigo *Reis* proseguio :

— Seu irmão foi hoje á nossa casa e queixou-se da malefica influencia das duas *lunetas magicas* sahidas das minhas officinas: tive de reconhecer a minha responsabilidade e, pedindo perdão, assegurei que mais nunca permittiria ao armenio outra operação magica para facilitar-lhe nova luneta.

— Que fez !. exclamei tremendo.

— Seu irmão disse-me que antes de tres dias seria nomeado seu curador, e que empregará até a força para recolhe-lo ao seio da familia.

— Tres dias.. e depois a privação da

luneta mágica, a cegueira, e a casa tornada carcere!!!

— Quando seu irmão sahio, fui ter com o armenio e referi-lhe a sua desgraça, a sua lamentavel.

— Necedade

— Não me animava a dize-lo : os seus grandes prejuizos, e ridiculo proceder em consequencia da *visão do bem*.

— E o armenio ?

— Respondeu-me, levantando e encolhendo os hombros com enregellada indiferença.

— Estou perdido.

— Então avisei severamente ao armenio, de eu o despederia para sempre da minha casa, se nella praticasse uma unica vez mais as suas pretendidas artes magicas.

— E elle ?

— Nem sequer olhou para mim ; mas riu-se com o seu rir medonho.

— Não o despedirá !

— Despedi-lo-hei, senão me obedecer
Quanto ao senhor, meu joven amigo, sub-
metta-se á sua sorte : volte para o santo azilo

da sua familia, e deixe-se dirigir e guiar por seu irmão.

— Estou perdido : repeti lugubrememente. O *Reis* despediu-se e deixou-me só.

XXV.

Meu irmão dá-me tres dias de liberdade, o mesmo prazo que se concedia aos condemnados á morte: tres dias entre a intimação e a execução da sentença.

E todavia meu irmão é o melhor dos homens, e symbolo do amor fraternal.

Serei eu realmente nescio ou idiota?. mas eu penso, raciocino, reflecto, e tenho consciencia de que o faço.

Ninguem me chamou idiota, sómente me julgarão doudo, quando eu julgava os homens e as cousas pela *visão do mal*.

Será pois a *visão do bem* fonte de needade?..

E' certo que pela *visão do bem* eu vejo todos sem excepção, tudo sem excepção resplendendo pureza e perfeições : ainda não

descobri defeito em alguém, ainda não pude julgar má acção alguma.

Com effeito esta innocencia e perfeição de todos e de tudo excluem a idéa do peccado, e por tanto a idéa do premio e do castigo na vida eterna, o premio, porque é distincção, e não podem haver escolhidos e distinctos quando todos são igualmente bons ; o castigo ; porque não ha que castigar.

Assim pois eu ataco pela baze a philosophia, a doutrina catholica.

Meu Deus ! terei eu sem o pensar chegado até offender a religião ?

A visão do bem da minha luneta será como a do mal acesa pelo demonio ? será infernal pelo excesso de mostrar sempre o bem em todos e em tudo ?

Minhas idéas se baralharão, minha cabeça começou á pezar-me ; receiei a imminecia de um ataque cerebral, ou algum accesso de loucura.

Tomei o chapéo e sahi sem destino, levando fixada a minha luneta : dei por mim

na rua Direita, reconhecendo o *Boulevard Carceller*, e fui sentar-me isolado á sombra da arvore mais vezinha da igreja do Carmo.

A' defender-me da luneta que eu conservava fixada, levava cuidadoso a desconfiança no coração; mas o *Boulevard* estava cheio de gente, de homens e de senhoras: percebi que muitos me apontavão com os dedos, que outros sorrião-se, observando-me; mas á despeito da minha desconfiança, não pude resistir á evidencia: comprehendí, convenci-me que estava diante de uma reunião numerosa, na qual todos os homens erão santos, todas as senhoras anjos.

Sobre tudo senti que as senhoras me contemplavão embevecidas, e perdidas de amor: eu ardia no fogo de vinte novas paixões!

Que sensações deliciosas!. todas essas creaturas angelicas rião-se olhando para mim, e encontrando o meu olhar, e nq riso de cada uma dellas eu encontrava um céu aberto, um romper de aurora no paraizo.

De subito chegou-se á mim um mancebo com o semblante abatido, e repassado de dor, e mal podendo fallar, expoz-me a sua situação que era das mais pungentes sem duvida, e acabou, pedindo-me o obulo da minha caridade para enterrar o filhinho, o filho unico, que deixara em casa morto no collo da consternada espoza.

Vi que o mancebo, mizero pae, fallava a verdade, e ás occultas dei-lhe algum dinheiro.

Seguirão-se logo ao infeliz joven uma immediatamente depois de outra tres moças que se chegarão á mim, esmolando para *missas pedidas*.

Essas esmolavão, rindo-se, e erão raparigas elegantes, espertas, e francamente alegronas e travessas, devendo ser conhecidas de muitos que ali estavam, pois que com muitos trocavão gracejos; chegadas porem á mim vi-as confundidas de pejo, e abrasadas de amor: fitei bastante com a minha luneta cada uma dellas, e extasiiei-me, encontrando em seus corações a

mais santa piedade, e profundo sentimento religioso.

É claro que concorri, como devia, para as tres missas pedidas. Não podia ser de outro modo.

O que me valia, considerando as tres moças, e as outras senhoras, era o seu numero, e a semelhança e força igual que produzião em mim tantas bellezas e tão preciosas qualidades ; porque eu estava doendo de paixão por todas ellas, e todas ellas tambem por mim, coitadinhas !

Como isso era não posso razoavelmente explicar ; era porem assim.

Todavia em seguida ás moças veio logo uma velha que me confessou ser viuva pobre, tendo seis filhos, que até aquella hora não tinham almoçado. dei-lhe esmola.

Depois da velha correu á ter comigo um cavalleiro de maneiras muito distinctas, e da mais perfeita cortezia, á quem acontecera um desses pequenos infortunios, á que todos estamos sujeitos : acabando de comer pasteis, e de beber uma garrafa de cerve-

ja, reconhecera haver esquecido a carteira, e achava-se naturalmente muito contrariado. Fiz o que qualquer outro faria no meu caso : reconhecendo a capacidade e merecimento do cavalleiro, que me pareceu trigo sem joio, entreguei-lhe a quantia necessaria para pagar a despeza que fizera.

Mas após o nobre cavalleiro avançavam já para mim dez ou doze rapazes ao mesmo tempo, quando um venerando ancião, tomando-lhes os passos, e censurando-os com algumas breves, mas severas palavras, chegou-se ao banco que eu occupava e disse-me :

— Mancebo inexperiente ! não vê, não sente, que está sendo victima da zombaria de gente sem generozidade ou de mãos costumes ? para que deita fóra o seu dinheiro ? . aquelles e aquellas que lh'o tomarão, simulando morte de filho, missas pedidas, fome de familia, esquecimento de carteira, estão ali dentro da confeitaria, rindo ás gargalhadas da sua inverosimil credulidade, comendo e bebendo á sua custa.

Fixei a luneta e vi: o velho era respeitável, como as suas cans, puro como os martyres da fé, verdadeiro como um axioma, severo como a lei, austero como a propria virtude, justo como a sentença da sabedoria.

— Que me diz, meu amigo ?

— Eu não sou seu amigo, pois que nem o conheço ; doe-me porem ve-lo deixar-se depennar por mulheres perdidas, e homens sem brio.

— É demais. tenho razão para reputalas, e reputa-los dignos de toda a consideração.

— Infeliz moço ! murmurou o ancião.

E logo depois tomando-me pelo braço, e obrigando-me á deixar o banco, acrescentou :

— Retire-se : recolha-se á casa : diga a seus parentes que cuidem mais e melhor do senhor.

— Os meus parentes !. esses declararão-me guerra. são optimas pessoas, e muito me amão ; mas hallucinados perseguem-me. . .

— Como ?

— Acreditação que sou. talvez maniaco, e querem nomear-me curador.

— Deixa-me dizer-lhe a verdade?

— Sem duvida.

— Seus parentes tem razão.

Quasi que me rompeu da garganta o grito de misericórdia ! fiquei como assombrado.

O ancião repetio :

— Pobre moço ! recolha-se á casa. -

E empurrando-me suavemente pelos hombros, foi sentar-se.

Eu apartei-me do *Boulevard Carceller* afflicto, quasi desesperado, e tanto mais que escutava á tras de mim, e no lugar donde me retirava, abservações epigrammaticas, tristes apreciações do meu estado, e até rizadas de escarneo.

Minha situação peorava, o meu espirito se obumbrava cada vez mais, e as mais turvas e sinistras ideas começavão á invadi-lo.

Entreí com precepitados passos na rua do Ouvidor : era a hora de mais costumada concurrencia.

Eu mantinha a minha luneta sempre fixada ; mas fixada sem consciencia porque não queria ver, e não via : tambem não desejava ouvir , porém ouvia.

Pelos meus ouvidos pareceu-me estar ainda no *Boulevard Carceller*, porque era-me impossivel não escutar risadas que mal se abafavão, ou que petulantes se desprendião.

O meu nome era repetido em tom de compaixão por alguns, em tom de escarneo por outros.

Evidentemente ninguem me considerava, como eu queria ser considerado, e tinha direito de se-lo.

— Ahi vai elle .

— E' o maniaco .

— E' o Simplicio .

— Coitado .

Eis as palavras, as designações cruéis, condemnadoras, terriveis que me chegavão aos ouvidos !

Eu continuava á caminhar apressado, furioso, fóra de mim, pedindo ao céu um

abysmo, onde cahisse de subito, um raio que me fulminasse.

Eu hia indo. sempre. quasi a correr: devião na verdade julgar-me desvairado...

De repente parei: uma voz argentina, suave, melodiosa exclamára:

— Como corre o bom anjo! é pena que não me visse! seguindo a regra morreriamos de amor um pelo outro, e elle me pagaria o jantar

Olhei. fixei com a minha luneta magica o demonio que assim tão barbaramente me ridiculisava. encarei-o. observei-o com odio.

Ah!

Era uma joven no mais bello frescor da idade: vinte annos não mais, dezoito annos não menos: cabelleira de oiro com enchentes de aneis a inundar-lhe as espaldas nuas e alvejantes. collo nú, e seios quasi de todo á mostra: vestido de duas saias, e toilette com mais côres que o arco-iris, meia perna patente. botinas justas de laços com botões á brilhar e de saltos de duas

ou tres pollegadas. olhos radiantes, e boca a rir, mostrando os dentes brancos. sublimes.

Ella tinha parado e olhava-me provocadora, insolente, como á pedir-me jantar

Esperei tres minutos contemplando-a bonita para aborrece-la escandalosa e infame.

Men Deus ! a *visão do bem* mostrou-me o que ella era.

Ella era a formosura. a pudicicia. o recato. um anjo !.

Insensivelmente meus joelhos se hião curvando ; eu estava quasi na posição, em que os devotos adorão a divindade, quando de todos os lados estrondarão gargalhadas.

A creatura angelica, gargalhando tambem saltou para dentro de um carro puchado por magnifica parelha, e fugio-me.

As gargalhadas continuavão. era como uma pateada que me davão.

Em desespero. em phrenesi, em furia corri, fugindo e fui encerrar-me no hotel.

XXVI

Não sahi mais nesse dia e dei ordem aos empregados do hotel para que despedissem a todos quantos me procurassem, pretextando ou incommodo ou ausencia de minha pessoa.

Consumi a tarde, a nou'te e a manhã seguinte em teimosas, amarguradas, mas este-reis reflexões.

Eu estava precisamente na mesma situação, nas mesmas circumstancias, em que me achava nos ultimos dias da posse e uzo da primeira *luneta magica*.

Se alguma differença havia entre as duas épocas, e as duas afflicções era agora para muito peor ; porque agora, se me quebrarem a *luneta magica* da *visão do bem*, já sei que não poderei conseguir outra luneta.

E a sentença está lavrada e é irrevogavel : o mano Americo em sua extrema bondade e pelo grande interesse que toma por mim, receioso de que eu esbanje o resto

de minha fortuna, me privára da *luneta mágica* que dá a *visão do bem*.

E é amanhã o dia em que por bem ou por mal serei recolhido á casa ou ao carcere de minha familia, e sujeito ao meu curador.

Deverei submetter-me ?.

Estudei por todos os lados e em todas as suas consequencias possiveis o caso, e conclui, que o partido que me restava era fugir, e fugir immediatamente.

Para onde? pouca importa : correrei o mundo : com dinheiro e boa vontade não se vive mal em parte alguma.

Examinei a minha carteira: restavão-me trinta e tantos mil réis ! fiquei desagradavelmente surprehendido ; lembrou-me porém que na antevespera tinha emprestado quatrocentos mil réis á um dos amigos que jantarão comigo, e que na vespera assignára em duas subscripções para alforria de escravos.

A falta de dinheiro não podia embaraçar a execução do meu plano : eu contava tan-

tos amigos que facilmente arranjará quatro ou seis contos de réis.

Paguei o que devia no hotel e fui logo procurar o velho Nunes, e em seguida ao bom Damião e a mais quinze ou vinte, á todos os quaes pantenteei a minha situação, confiei o meu plano, e pedi algum dinheiro ou á titulo de empréstimo, ou em pagamento do que me devião.

Triste observação!. não achei em todos esses excellentes amigos um só que me addisse com alguma e ainda diminuta quantia! mas os pobres e honradísimos homens assegurarão-me que em quinze dias ou um mez me levarião á casa trinta ou quarenta contos de réis.

E' pena que sòmente para tão tarde possa eu contar com esse recurso que fôra hoje tão poderoso, e que então será inutil para o meu plano.

Não desanimei e me dirigi ao meu banqueiro; este porem apenas percebeu o que eu queria, tomou o *Jornal do Commercio* que estava sobre a mesa de seu escriptorio, e mostrou-

me um *annuncio* assignado por meu irmão, em que protestava não seria paga divida alguma contrahida por mim.

Retirei-me desesperado : todas as minhas esperanças tinhão falhado, todos os meios me faltavão para obter dinheiro.

Ninguem pôde fazer idéa da dôr que me despedaçava o coração.

Recorri ainda á dous outros amigos que me devião tambem sommas importantes um d'elles voltou-me as costas sem me responder, e o outro não me conheceu !!!

Fixei a minha *luneta magica* sobre cada um desses dous miseraveis. ah ! nenhum delles era máo : o primeiro voltava-me as costas cheio de vergonha e de pezar por não poder servir-me, e sem duvida ao verme partir, desatára a chorar o outro pobre infeliz, affectado de uma molestia cerebro espinhal, tinha perdido a memoria ; pelo menos foi isto o que reconheci pela *visão do bem*.

Perdida a ultima esperanza, sentindo profundo, moralmente mortal o golpe da des-

graça, prevendo o raio infallível que hia fulminar-me no dia seguinte, puz-me a andar sem destino, mas apressado, quasi a correr não sei por quaes ruas da cidade; sei porém que de improviso parei na quina, ou angulo formado por duas ruas que se cortavão.

Approximava-se numeroso prestito de caruagens : quiz ve-lo passar.

Era o prestito lugubre de um finado.

Era um *enterro*.

XXVII

Tive um pensamento que estava naturalmente em relação com a negra tristeza do meu espirito.

Desejei estudar o cadaver, que se hia sepultar.

Fixei a minha *luneta magica* no feretro.

Eis o que vi :

Primeiro um caixão de madeira coberto de ricos estofos pretos e de galões de ouro, dentro um cadaver já em corrupção, des-

figurado, fétido, repugnante. lodo e pó da terra e nada mais :

Logo depois a memoria das singulares virtudes do finado e. oh! a felicidade, a incomparavel felicidade da morte!.

Eu vi, senti, comprehendí a morte, — que se patenteou tal qual é, á *visão do bem!*

Eu vi a morte —mal julgada, calumniada pelos homens— somno placido, suavissimo que começa á ultima dôr, ao extremo trance da vida, e que acaba ao despertar nas delicias da eternidade : paz sem cuidados, socego sem a mais leve perturbação —vespera instantanea da verdadeira vida— porta do fim que é luz celeste.— Oh! que gozos na morte! a podridão e o fétido do cadaver em sublime contraste muito de longe darião idéa da pureza e do angelico arôma da alma que se desprende do pó! que gozos na morte! o mais vaidoso dos reis sente-se pela primeira vez verdadeiramente grande e exaltado elevando-se á esphera onde se encontra igual ao mais humilde e rudê dos vassallos ou escravos que tivéra!. não

ha dôr, nem ancias, nem molestias, nem privações, nem *myopia* na immensa e refulgente região da morte ! aquella frieza enregellada do cadaver significa esquecimento absoluto das penas da vida ephemera e mundana.

Pela morte o escravo é livre, creança e a virgem são anjos, a esposa joven, a matrona e a velha santas, a mundanaria é Magdalena purificada, o malvado, o scelerato são arrependidos que se regenerão, o desgraçado é feliz, o mudo tem voz, o paralytico vóa, o surdo ouve segredos, o cego vê nas trevas, o desgraçado é perfeitamente feliz !.

A morte é Jordão que lava as culpas..

A morte é gloria.

A morte é luz.

Só a morte é que dá principio á vida.

Eis um pouco do muito que a *visão do bem* me fez descobrir e apreciar na morte.

O prestito já tinha passado.

Deixei cahir a *luneta magica*.

Abysmei-me em profunda introversão, no estado da minha intima consciencia, no es-

tado novo e extraordinario do meu espirito.

Achei-me consolado, forte, invencivel, contente, feliz.

Eu desejava, almejava morrer

Morrer era começar á viver. e á viver que vida de delicias !

Eu acabava de conceber a idéa, e de abraçar-me com a idéa do *suicidio*.

XXVIII

Examinei o ponto da cidade onde me achava, e logo conheci que havia parado para ver passar o prestito funebre no lugar, que é corte da rua dos Barbonos, fim das Mangueiras, e principio da dos Arcos.

A' breve distancia estava pois mais adiante a ladeira do morro d'antes chamado do Desterro, e desde o seculo passado de Santa Theresa.

Mais de um *suicidio* se tem realisado no alto, e nos desertos abysmos daquelle monte.

Instinctivamente mas sem duvida com a

idéa da morte diriji-me para a ladeira, e comecei a subi-la passo a passo, com vagar e tranquillidade, com animo sereno, e com o firme proposito de pôr termo a minha vida.

Eu não tinha comigo nem punhal, nem veneno, nem revolver, não levava pois arma, ou instrumento, ou meio de morte, e comtudo subia a ladeira com o intento de me matar.

A *risão do bem* me levava á morte.

Eu nunca visitára o sitio famoso do *Corcovado* ; ouvira porém dizer que lá havia enorme precipicio, profundissimo abysmo, no seio do qual a morte era certa para o infeliz que por acaso a elle se arrojasse.

Se as informações não erão falsas, o proposito me daria o fim, que se receava do acaso ou da imprudencia.

Não me era pois necessario levar comigo punhal, veneno, ou revolver : eu tinha por mim o abysmo.

Fui subindo a ladeira tranquilla e pausadamente, descansando aqui, ali, e deleitando-me á ouvir o leve ruido das aguas

da Carioca, que em alguns pontos do antigo encanamento mandado construir pelos vice-reis do tempo colonial, parecem murmurar da negligencia, ou da comparativa inferioridade da administração da nossa época, que vinte vezes por anno deixa o povo em penuria d'agoa, e diariamente lhe dá agoa da Tijuca toldada, mal zelada, e não aquella tão pura, e admiravel á que o gentio chegava á dar o condão de accender a inspiração da poezia.

E fui subindo sempre.

A noute era formosa : a lua em phase plena mergulhava a cidade em um oceano de luz pallida, mas clara, suave, encantadora e romanesca.

Muitas vezes voltava-me para contemplar essa já grande Babel, esse labyrintho de ruas que fórmão a opulenta capital do Brasil, e me embebia por minutos no grandioso panorama da bella sebastianopolis illuminada por milhares de flammæ de gaz, que simulavão enfeitçal-a em noute de festa.

E de cada vez que me voltava para a ci-

dade, eu della me despedia, dizia-lhe o adeós saudozo e melancolico do filho que se separa da familia, e que sabe que não voltará mais ao seu lar.

Eu subia sempre : o silencio da noute era só interrompido pelo latir dos cães que, sentinellas vigilantes, guardavão as chacaras.

Ainda era cedo, mas a solidão completa : e todavia eu não tinha receio de encontro algum suspeito ou sinistro : receio de que?... pobre e decidido a morrer, rir-me-ia do ladrão, do assassino que me atacasse.

Depois de muito longa marcha ouvi a voz de um homem que caminhava adiante de mim e que cantava uma rude cantiga com acompanhamento de viola, que elle proprio executava.

Apressei o passo e apanhei o cantor.

Era um *guarda do aqueducto*.

Trocamos a saudação de —*boa noute*.

— Vou seguindo o caminho do Corcovado ?

— Sim senhor ; mas á estas horas ?

— E' prohibido ?

— Não : já sei ; quer amanhecer lá.

— Adivinhou.

— Pois eu vou dormir ás Paineiras.

— Tanto melhor para mim. E das Paineiras ao Corcovado?

— Não ha que errar.

Fomos seguindo em silencio : no fim de meia hora perguntei :

— Porque não canta?

— Gosta?

— Muito.

— O canto anima o trabalho e illude a fadiga ; disse o guarda.

E afinou a viola e cantou outra cantiga tambem rude, e monotona, mas saudosa e melancolica.

No meio da solidão e da noute o canto do guarda produzia em mim indizível impressão de suave tristura.

Observei com a *luneta magica* por mais de tres minutos o guarda, e vi que era pobre, tinha mulher e dous filhos, vivia alegre, e por seus dotes merecia as honras da terra e a maior estima dos homens.

Revoltou-me a posição obscura d'esse

homem distinctíssimo pela nobreza de caracter, e pela santidade do coração.

Quando acabou a cantiga, perguntei-lhe:

— Que pensa da vida ?

— Que custa á viver.

— Não é melhor a morte ?

— E minha mulher ? e meus filhos ?

— E' feliz ?

— Conforme : se me dessem o dobro do que ganho, eu me julgaria dobradamente feliz um dia.

— E porque não dous dias e mais ?

— Porque é quasi certo que no segundo dia eu dezeria ainda outra vez o dobro do que estivesse então ganhando.

— E não tem afflicções ?

— A's vezes, e sobretudo quando não trabalho ; mas em taes casos Luiza deixa a costura e vem perguntar-me o que tenho; correm os meninos a pular-me ao pescoço, e lá se vai a tristeza pelo morro abaixo ; ou, se estou só em casa pego na viola e canto.

— Que pensa dos homens ?

— Bem e mal : nem confio nem desconfio, e julgo que é melhor não pensar nelles.

— Porque ?

— Porque todo tempo é pouco para cada um pensar em si, na sua familia, no seu trabalho, e nas contas que deve á Deos.

Eu admirava a sabedoria do guarda do aqueducto, e comprehendi perfeitamente o seu amor, o seu apego á vida pelo encanto da espoza e dos filhos.

Só o egoista pôde almejar as delicias da morte, sendo esposo e pai ; eu porém procurei de balde uma noiva, não tenho filhos e posso portanto e devo morrer.

Enlevado pela conversação hia continualla, quando o guarda me disse :

— Estamos nas Paneiras, e aqui nos separamos.

Ensinou-me o facil caminho que me levaria ao Corcovado, deu-me —*boa noute*— e desapareceu, mettendo-se por um trilho quasi encoberto pelo mato.

XXIX

Lavado de suor e arfando de fadiga cheguei finalmente a alto ermo do Corcovado.

A lua brilhava formozíssima, e consultando o relógio, mercê da minha *luneta mágica*, vi que erão duas horas da madrugada.

Véo impenetravel de cerração cobria o mundo nos espaços immensos em torno do Corcovado.

Eu estava em pé no throno de vasto paiz submerso em diluvio de neblina: comprehendia a soberba magestade do meu solio; mas não tinha idéa das proporções dos meus Estados.

O vento frio fazia-me tremer, o ar leve e purissimo deleitava-me a respiração.

Sentei-me: quiz pensar na morte e não pude, porque meus olhos se cerrarão, e dormi.

Despertei ao primeiro raio do sol, que reflectio no meu rosto.

Levantei-me.

Era ainda cedo para vêr o mundo abaixo dos meus pés e em torno do Corcovado.

Passeando pela planura, conversei comigo mesmo.

Morrerei; mas antes de morrer quero ver as grandezas da terra que d'este sublime throno erguido por Deos se revelão e manifestão aos olhos do homem.

Aqui da altura direi o extremo adeos aos meus lá em baixo.

Será o ultimo serviço que deverei a minha *luneta magica*.

O ultimo ?

Oh ! eu vou morrer, porque não experimentarei a *visão do futuro* ? que me importa que se quebre a luneta, quando mais não posso uzar della ?.

Fôra loucura não tentar a experiencia ?.

Este novo pensamento dominou-me : fi-xei a luneta, e observei em volta do Corcovado o aspecto da natureza

A cerração se desfizera de todo o mundo se mostrava, se patenteava amplo, completamente sem véos, sem nuvens

Vi.

Oh meu Deus ! eu não descreverei, não tentarei descrever o lindo, o bello, o sublime panorama, que por todos os lados, se abriu á minha *luneta magica*, as cidades e povoados, as terras, e o oceano, as montanhas e os abysmos, os montes e os vales, as torrentes e as pedras, o céu e os campos a providencia, e o mundo, a riqueza do favor de Deus, e a miseria da incuria dos homens !!!

Ajoelhei-me e orei.

Ergui-me e ainda uma vez, e outra, e mais dez vezes enlevei-me na contemplação das magestades da criação que em torno do Corcovado se ostentavão.

Tudo era grande, tudo menos o homem que era o perdulario, e o esbanjador sacrilego dos thesouros da terra, que Deus lhe dera.

Senti que para não odiar desprezava o homem, desprezei-me tambem, lembrei-me da morte, que olvidára em minha contemplação entusiasta, lembrei-me tambem do suicidio e da *visão do futuro*.

O suicidio era facil : um abysmo estava cavado ábaixo de meus pés : atirar-me á elle e não morrer era impossivel.

Experimentar a *visão do futuro* era igualmente muito simples : bastava-me fixar a luneta magica por mais de treze minutos sobre algum objecto.

Instinctivamente lembrei-me da capital do Imperio do Brasil.

Ter por impressão extrema da vida uma idéa dos tempos que ainda hão-de vir para aquelles que deixarei vivos, era uma ambição arrebatadora : ter por extrema despedida do mundo o quadro aberto do futuro prospero da patria, seria a mais suave consolação, se eu pudesse conseguir a *visão do futuro*, antes de suicidar-me.

Fixei pois a *luneta magica* sobre a cidade do Rio de Janeiro e vi.

Durante os tres primeiros minutos : força vital, prodigios de riqueza do solo do imperio, magestade da natureza e em grande numero de homens incapacidade, inveja, capricho, nepotismo, vaidade compromettendo

tudo, sacrificando tudo, perdendo tudo no culto do egoismo, e de ruins paixões.

Depois de tres minutos até treze : a mesma e ainda mais sorprendente opulencia de thesouros naturaes do solo, o mais sabio governo do mundo, a população mais moralizada e pura, a constituição e as leis do Imperio religiosamente executadas, trabalho intelligente, a industria esplendida, abundancia de ouro, profunda instrucção em todos, contentamento geral, o céu na terra em fim.

Além de treze minutos : a *visão do futuro...* primeiro e de subito immensa e compacta nuvem negra cobrindo todo o horizonte e logo atravez della vivissimo e penetrante raio de luz que me ferio e deslumbrou, que me fez recuar e cahir por terra, quebrando-se em migalhas a *laneta magica* de encontro a uma pedra !

Achei-me em trevas ; mas ergui-me de prompto, e sem hesitar corri para o abysmo e bradando :

— Adeos !

Saltei o parapeito, arrojando-me ao profundo precipicio.

Mas duas mãos possantes suspenderão-me pelas orelhas, pelas orelhas me conterão por momentos no espaço entre a vida e a morte, e, sempre pelas orelhas, me tirarão da boca do abysmo, e me depuzerão no chão.

— Ainda é cedo, creança ! disse a voz rouca do homem que me salvára, puchando-me as orelhas.

Reconheci o homem pela voz.

Era o armenio.

EPILOGO.

A suavidade das auras, a pureza do ar que banhavão docemente meu rosto e meus pulmões, o vivificante calor dos raios do sol vencerão pouco a pouco a superexcitação nervosa que me ficára da tentativa de suicidio, do salto que eu dera, e da suspensão no espaço, na horrivel boca do abysmo.

Estirado no chão e em convulsivo tremor eu conservava a consciencia de que vivia pela activa lembrança das sensações instantaneas, mas violentas que me tinham torturado a alma; primeiro o adeos, extremo adeos deixado ao mundo, depois, dado o

salto, o arrependimento subitico e vão ; logo o soccorro immediato e não esperado, e emfim a esperança, as ancias e o terror desses instantes supremos, indiziveis em que me achei entre a vida e a morte, entre o suicidio que parecia absover-me, e as mãos da providencia que me continha pelas orelhas.

Passada uma longa hora, senti que me voltavão as forças.

Ajoelhei-me, e repeti em voz baixa breve oração.

Depois levantei-me e disse, procurando de balde com os olhos o armenio :

— Obrigado !

— Bom signal ! observou este : o teu coração voltou-se para Deos, e depois de render-lhe graças, a tua voz disse na primeira palavra um voto de gratidão ao homem que te salvou : morreste louco, e renasceste ajuizado.

Eu desatára a chorar, e chorei longamente.

O armenio tornou-me, depois de deixar muito tempo livre curso á meu pranto.

— Creança adoudada : já te puchei bas-

tante as orelhas; mancebo infeliz, quero agora consolar-te.

Enxuguei com precipitação as lágrimas, e lancei os olhos quasi sem luz para o lado, d'onde me vinha a voz do armenio.

Elle rio-se e acrescentou :

— Adivinhei o teu criminoso intento e vim aqui salvar-te do suicidio, e dar-te nova, terceira e ultima *luneta magica*.

— Oh !. e onde? e quando?

— Aqui mesmo e em breve.

— Que felicidade !

— Vou proceder a operação magica.

— Eu a espero ancioso.

— E não tens medo?... aqui. neste lugar deserto. a sòs comigo.

— Não.

— Confias pois muito em mim ?

— Muito.

— Não ha confiança sem fundamento que ao menos se supponha seguro, e tu nem se quer sabes como me chamo, o que não me admira, porque nem sabes o teu verdadeiro nome.

— Eu o conheço pelo *armenio*, o mais sabio dos magicos; e sei que recebi na pia baptismal o nome de Simplicio.

— Erro duplo ! não ha aqui armenio nem Simplicio.

— Então como nos chamamos ?

— Eu me chamo *Lição*.

— E eu ?

— Tu te chamas *Exemplo*.

— Ah !

— Escuta-me.

II.

O armenio começou á fallar.

— A exageração degenera os sentimentos, desvirtua os factos, desfigura a verdade.

« Exagerar é mentir.

« No mundo ha o bem e o mal, como ha na vida o prazer e a dôr.

« Mas o bem é o bem, o mal é o mal como elles são e não podem deixar de ser para a humanidade que é imperfeita : perfeito bem, absolucto mal não ha para ella.

« O bem absoluto é Deus : mal absoluto não existe, não pôde existir ; porque seria o mal sem arrependimento, e sem perdão e por tanto um limite á omnipotencia de Deus, o absurdo na verdade eterna.

« Assim pois acontecimento, ser da criação, homem absolutamente máos ou absolutamente bons não são possiveis, nem se comprehendem.

« Estudar o mundo e os homens, observando-os pela enfezada lente do pessimismo é tão perigoso e fallaz, como estudá-los, observando-o pelo imprudente prisma do optimismo.

« O velho mysantropo, o homem resentido e odiento que por terem sidó victimas de engauos, de ingratidões e de traições, calumnião a humanidade, na turbação do espirito doente, vendo em todos e em tudo o mal, préjudicão não só a propria, mas a felicidade de quantos se deixão levar por essa prevenção sinistra que envenena e enegrece a vida,

« E no seu erro encontrão elles duro cas-

tigo ; porque em seus corações e em seu viver mergulhão-se no dilúvio de lodo escuro e infecto do mal que vêem ou advinhão em todos e em tudo ; e no furor de enxergar maldades, de condemnar e aborrecer os máos tornão-se por si mesmos, proscriptos da sociedade, selvagens que fogem da convivencia humana.

« Eis ahi o que te ensinei na *visão do mal*.

« Dando-te a primeira *luneta magica*, eu fui o que sou—*Lição* : observando pela *visão do mal*, tu foste o que és—*Exemplo*.

« O mancebo generoso e inexperiente, a joven donzella creada entre sedas, sorrisos e flôres, educada santamente com as maximas da benevolencia, com o mandamento do amor do proximo, e ainda mesmo aquelles velhos que nunca deixarão de ser meninos, vêem sempre a terra como céu côr de rosa, tem repugnancia em acreditar no vicio, deixão-se illudir pelas apparencias, enternecer por lagrimas fingidas, arrebatam por exaltados protestos, embair por historias preparadas, e dominam pela impostura ardilosa, e vêem por

isso em todos e em tudo o *bem*—, na pratica do vicio immerecido infortunio, — n^o perseguido sempre um innocente, — no mal que se faz, na indignidade, na trapaça e até no crime sempre um motivo que é atenuação ou desculpa.

« E tambem esses tem no erro da sua inexperienca a sua cruel punição; porque cada dia e á cada passo tropeção em um desengano, cahem nas redes da fraude e da traição, compromettem o seu futuro, e muitas vezes colhem por fructo unico da innocente e cega credulidade a desgraça de toda sua vida.

« Eis ahi o que te ensinei na *visão do bem*.

« Dando-te a segunda *luneta magica* eu fui o que sou — *Lição*: observando pela *visão do bem*, tu foste o que és — *Exemplo*.

« Escuta ainda, mancebo.

« Na *visão do mal* como na *visão do bem* houve fundo de verdade; porque em todo homem ha bem e ha mal, ha boas e más qualidades, e nem pôde ser de outro modo, porque em sua imperfeição a natureza humana é essencialmente assim.

« Mas a primeira das tuas *lunetas mágicas* não te mostrou senão o mal, e a segunda te mostrou sómente o bem, e para mais viva demonstração da falsidade e das funestas consequencias de ambas as doutrinas, ou prevenções, as tuas duas lunetas exagerarão.

« Ora exagerar é mentir.

« Mancebo a verdadeira sabedoria ensina e manda julgar os homens, aceitar os homens, aproveitar os homens, como os homens são.

« A imperfeição e a contingencia da humanidade são as unicas idéas que pôdem fundamentar um juizo certo sobre todos os homens.

« Fôra dessa regra não se pôde formar sobre dous homens o mesmo juizo.

« Cada qual é o que é : cada qual tem as suas qualidades, e seus defeitos.

« A sociedade que aceite cada homem com as suas qualidades e os seus defeitos, explorando umas e outras em seu proveito.

« As proprias plantas venenosas são uteis: a sciencia faz do veneno mais violento um meio destruidor de molestias, regenerador da saude, conservador da vida.

« A educação do homem que é a base mais importante e a essencial da sciencia social póde explorar em beneficio da sociedade, dirigindo-os convenientemente, os proprios defeitos correspondentes ás qualidades estimaveis de cada um.

« Mancebo! para te levar a verdade já te lancei duas vezes no caminho do erro.

« Erraste acreditando no mal, erraste acreditando no bem, que te mostrarão tuas duas lunetas, que exagerarão o mal e o bem, ostentando cada uma o exclusivismo fallaz do seu encantamento especial.

« Erraste pelo exclusivismo; porque o exclusivismo é o absurdo do absoluto no homem.

« Erraste pela exageração; porque exagerar é mentir.

III.

Eu escutára com respeitoso silencio o armenio que, tendo descansado alguns momentos disse-me :

— Resolvi dar-te hoje a mais preciosa, mas também a última das lunetas mágicas que de mim terás.

— Qual ?

— Aquella que te fará gozar a *visão do bom senso*.

— Oh ! a visão da sabedoria.

— Quasi.

— Serei feliz. perfeitamente feliz !

— Nem assim.

— Porque ?

— Porque o homem é o homem.

— Não entendo.

— Porque ainda com o *bom senso* ha ar-
dendo na alma do homem uma flamma in-
saciavel, que torna impossível a felicidade
perfeita.

— Que flamma é essa ?

— A do desejo :— de desejo que tem mil
sobrenomes — amor, gloria, ambição, ouro,
honras, luxo, gula, vingança. . e muito mais
que eu não acabaria de dizer nem em duas
horas.

— Ao menos porém a *visão do bom senso*

não me tornará nem sceptico, nem ludibrio do mundo e dos homens.

— E não soffrerás menos por isso.

— Como?

— Pela *visão do bom senso* reconhecerás, onde está o bem e o mal, e mil vezes não poderás aproveitar o bem, e livrar-te do mal.

— Mas é incomprehensivel!

— Apesar teu serás arrastado para longe do bem e para os precipicios do mal.

— Resistirei.

— Serás o censor de muitos e o reprovado de quasi todos.

— Que importa?

— Os homens te condemnarão contradictoriamente, como republicano e aplice, excentrico e tolo, atheo e phanatico, immoral e hypocrita, presumido e estúpido, sanctilão e demonio.

— Rir-me-hei delles.

— Teris pois a luneta; mas será á ultima.

— Conserva-la-hei sempre.

— Quebra-la-ás.

— Conterá ella tambem a *visão do futuro*?

— Como, se é a *do bom senso*? —creança, a *visão do futuro* não pôde ser mais do que uma combinação de probabilidades feitas á luz do passado.

— Então juro que conservarei a luneta *do bom senso* por toda a minha vida.

— Fa-la-ás em pedaços e intencionalmente.

— Porque?

— Porque é melhor não vér.

— Oh! não.

— Vou dar-te a luneta.

IV.

... ..

V.

No posso dizer o que se passou durante meia hora ou mais; porque eu nada vi, nada podia ver, pobre myope quasi cego que eu era.

O armenio procedera á uma operação magica não sei como, nem em que altar de cabala improvisado á luz do sol e no alto do Corcovado.

Ouvi piar de aves, silvos de serpentes, conjurações do armenio que me parecião sair ou do seio da terra, ou de profunda gruta, senti frio de gello e calor de fogo ardente: em seguida reinou silencio, e em breve o magico lançou-me ao pescoço um trancelim que supponho ser de arame que enlaça a luneta pelo competente anel, onde, como vim a saber depois, estava gravado em letras microscopicas o nome — *raro*. —

— Fixa a luneta! — gritou-me com sua voz rouca o armenio.

Obedeci, e fixando a luneta magica, vi diante de mim o magico melancolico e car-rancudo, e o meu amigo Reis agradável e risonho.

O armenio voltou-nos immediatamente as costas, e desappareceu logo, descendo apressado a montanha.

O Reis abraçou-me e disse :

— Aquelle homem é irresistivel: advinhou o acto de loucura que o senhor hia praticar, e prometteu-me salva-lo sob duas condições, de que não quiz prescindir: a primeira foi que eu convisse em ser-lhe dada uma terceira e ultima *luneta magica*, que teria a *visão do bom senso*: a segunda que eu consentiria em expôr a venda no meu armazem *lunetas magicas* com a *visão do bom senso*.

— E o meu amigo.

— Poderia eu hesitar, quando se tratava de impedir o seu suicidio?. comprometti-me a tudo; mas consegui do armenio tres concessões.

— Quaes?

— Que elle faria suas operações magicas fóra da minha casa; — que ficaria em sigillo o que o senhor por ventura observasse por meio da *visão do bom senso*; — e que exclusivamente aos meus freguezes e amigos de intima confiança eu pessoalmente e só eu cederia vendidas, ou doadas as *lunetas magicas do bom senso*, ficando ainda á meu ar-

bitrio a exigencia de segredo, até que provas irrecusaveis do forçado encantamento experimentado por diversas pessoas, excluíssem qualquer supposição de credulidade pueril.

— Portanto o armenio começa emfim á convence-lo.

— Ainda não ; mas é um homem extraordinario : quer ver ? acertou pelo seu o meu relógio ; marcou precisamente a hora em que eu devia chegar ao alto do Corcovado, e encontra-lo, lançando-lhe ao pescoço a sua nova luneta, e eu cheguei aqui exactamente á hora precisa, e no momento em que o armenio alargava com as mãos o cordão da luneta ácima da sua cabeça e o fazia logo descer ao seu pescoço !.

— E se soubesse.

— Perdão ; saberei tudo depois. Agora urge satisfazer á dous empenhos, um meu, e outro nosso.

— O seu antes do nosso : qual é ?.

— Promette-me o sigillo, á que o armenio não se oppõe ?

— Pela minha gratidão e amizade juro guarda-lo.

— Obrigado ! disse o Reis apertando-me
brítanicamente a mão.

— E o nosso empenho ?.

— Não o adivinha ? são onze horas da
manhã e ainda não almoçamos. eu apenas
tomei café às tres horas da madrugada.

— E eu não ceei hontem, e estou mor-
rendo de fome. desçamos para a cidade.

— E lá almoçaremos, jantando.

Puzemo-nos alegremente á caminho.

A' pezar da fome devoradora que sentia;
reconheci que é menos fatigante e desagra-
davel descer do que subir ás montanhas,
excepto, excepto sempre, mas excepto só-
mente, quando se trata das *alturas do governo*.

VI

E já lá vai um mez. um mez inteiro
de *visão do bom senso*.

Sinto desejo vehemente de referir o que
tenho observado ; mas estou preso pelo dever
de gratidão e pela religião do juramento, que
me impõe silencio.

Quantas *lunetas do bom senso* terá o armazem preparado magicamente para o armazem do Reis? e este á quantos amigos as terá confiado?.

Não posso comprehender estas ceremonias e escrupulos do meu amigo Reis.

Taes escrupulos são até antipatrioticos.

Se o Reis quer teimar no seu prejudicialissimo sigillo, deve ao menos, e embora muito em segredo, offerecer sete *lunetas magicas* com a *visão do bom senso* para uso dos membros do ministerio, e do governo do Brasil.

Não posso fallar, não posso escrever, não posso dizer o que a *visão do bom senso* me está ensinando á um mez.

Quando o meu amigo Reis me desligar do juramento que fiz, escreverei o livro da--
Visão do Bom Senso.

Mas até lá. segredo.

F I M

EXTRACTO

D'ALGUMAS OBRAS QUE SE ACHAM A VENDA NA MESMA CASA

- Alencar** (cons.º J. M.) O Guarany, romance brasileiro, 2 vols..... 6\$000
- » As Minas de Prata, complemento e fim do precedente, 6 vols. broch. 12\$ enc. 16\$000
- » Viuvinha e Cinco Minutos, 1 vol. broch. 2\$000
- » Systema Representativo, 1 vol. broch.. 3\$000
- » As azas de um Anjo, comedia, 1 vol.. 2\$000
- » Verso e Reverso, comedia, 1 vol..... 1\$000
- » Demonio Familiar, comedia, 1 vol.... 2\$000
- » Mãi, (drama em 4 actos,) 1 vol..... 2\$000
- Luciola** perfil de mulher, 2ª edição, 1 vol... 3\$000
- Diva** perfil de mulher, 2ª edição, 1 vol..... 3\$000
- Macedo** (Dr. J. M.) Victimias-Algozes, 2 vols. 5\$000
- » Theatro completo, 2ª edição, 3 vols. 9\$000. Estes volumes encerram os seguintes dramas e comedias : *Luxo e Vaidade, Primo da California, Amor e Patria, Torre em Concurso, O Cégo Cobé, Abrahão, Lusbella, Fantasma Branco, Novo Othelo.*—Tambem se vende cada vol. separadamente.
- Pascual**, A Morte Moral, linda novella, 4 vols. broch. 8\$ enc..... 12\$000
- Gonzaga**, Marilia de Dirceu, ornada do retrato do autor, 2 vols..... 6\$000

Porto-Alegre , Colombo ou O descobrimento d'America, poema, 2 vols.....	8\$000
Magalhães (D. J. G.) Suspiros Poeticos e Saudades, 1 vol.....	6\$000
» Poesias avulsas, 1 vol.....	6\$000
» Tragedias : Antonio José, Olgiate, e Othelo, 1 vol.....	6\$000
» Urania, collecção de 100 Poesias, 1 vol.	6\$000
» Confederação dos Tamoyos, 1 vol...	6\$000
» Canticos Funebres, 1 vol.....	6\$000
» Factos do Espirito Humano, 1 vol...	6\$000
» Opusculos Historicos e Litterarios, 1 vol.	6\$000
Varella (L. N. F) Cantos do Ermo e da Cidade (lin- das poesias) 1 vol.....	3\$000
Pereira da Silva (cons. J. M.) Historia da Funda- ção do Imperio Brasileiro, 7 vols	42\$000
» Jeronymo Côrte-Real, 1 vol....	3\$000
» Manoel de Moraes, 1 vol. broch. 2s enc.	3\$000
» Varões Illustres do Brasil. 2 vols....	8\$000
» Obras Politicas e Litterarias, 2 vol.	10\$000
SOUTHEY , Historia do Brasil, 6 grossos vols....	36\$000
Biblia Sagrada (a mais rica edição em portuguez) 2 vol. com estampas	30\$000
PINHEIRO , (conego Dr. J. C. F.) Curso de Litteratura nacional, 1 vol.....	7\$000
» Episodios da Historia patria, 1 vol...	2\$000
» Historia Sagrada Illustrada, 1 vol...	3\$000
» Cathecismo da Dontrina Christã, 1 vol.	1\$000
» Meandro Poetico, 1 vol.....	2\$000
» Manual do Parocho, 1 vol.	2\$000

NOVAS PUBLICAÇÕES DE DIREITO.

Lafayette , Direitos de Família, 1 vol.....	8\$000
Motta , Relatorio dos avisos do Ministerio da Justiça explicando disposições de direito civil, commercial, criminal, e orphanologico, 2 vols	14\$000
Mafra , Jurisprudencia dos Tribunaes, 3 vols..	18\$000
BARROZO , (cons.º J. Liberato) A letra de Cambio, 1 vol.	3\$000
» Questões praticas de Direito Criminal, 1 vol	4\$000
» A Instrucção Publica no Brasil, 1 vol.	7\$000
CORDEIRO , Consultor Civil, 1 vol.....	8\$000
» » Criminal, 1 vol.....	8\$000
» » Commercial, 1 vol.....	8\$000
» » Orphanologico, 1 vol.....	8\$000
» » Juridico, 1 vol.....	7\$000
« Director do Juizo de Paz, 1 vol....	7\$000
FERRÃO , Theoria do Direito Penal, 8 vols.	
VASCONCELLOS , Manual dos Juizes de Direito, 1 vol.	4\$000
MACHADO , Manual dos Vereadores, 1 vol.....	4\$000
VEIGA , Manual do Processo das Custas, 1 vol..	1\$500
ANDRADE PINTO , Atribuções dos Presidentes de Provincia, 1 vol.....	6\$000
PORTELLA , Repertorio da Constituição do Imperio do Brasil, 1 vol.....	2\$000
ALMEIDA , Direito Ecclesiastico, 3 vols.....	18\$000
URUGUAY (visconde) Ensaio sobre o Direito Administrativo, 2 vols.....	12\$000







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).